

MAGSUL



FACULDADES MAGSUL

CINTIA SOUZA

**A EDUCAÇÃO E A PRÁTICA DO PEDAGOGO COMO
FORMADORES DE LEITORES: UM ESTUDO DE CASO NO 3º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

**PONTA PORÃ
2015**

CINTIA SOUZA

A EDUCAÇÃO E A PRÁTICA DO PEDAGOGO COMO
FORMADORES DE LEITORES: UM ESTUDO DE CASO NO 3º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Monografia apresentada à Banca Examinadora das
Faculdades Magsul, como exigência parcial para
obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.
Orientador: Prof.^a Ma. Roseli Áurea Soares Sanches

PONTA PORÃ
2015

CINTIA SOUZA

A EDUCAÇÃO E A PRÁTICA DO PEDAGOGO COMO
FORMADORES DE LEITORES: UM ESTUDO DE CASO NO 3º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Trabalho de Conclusão apresentado à Banca
Examinadora das Faculdades Magsul, como exigência
parcial para obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Banca Examinadora:

Orientador(a): Professora Ma. Roseli Áurea Soares Sanches
Faculdades Magsul

Examinador: Professora Ma. Elizete Cardoso
Faculdades Magsul

PONTA PORÃ, 09 de Dezembro de 2015.

Dedico este trabalho á você mãe que é a minha heroína, as minhas irmãs e aos meus irmãos motivo de orgulho, agradeço todos os dias á Deus por fazer parte dessa grande família. A você Gisela M. Larrea que é mais que uma amiga é uma irmã e a sua família que me adotou, a todas as minhas amigas que tiveram paciência comigo e principalmente ao meu filho do coração Victor Larrea que é a razão da minha vida. Amo vocês!

AGRADECIMENTO(S)

Agradeço a minha orientadora Prof.^a Ma. Roseli Áurea Soares Sanches, não só pela constante orientação neste trabalho, mas, sobretudo pela sua amizade, paciência, sabedoria e por cada momento de dedicação.

A professora Elizete Cardoso que é a fonte de inspiração para os profissionais de educação.

Aos professores que me auxiliaram nesta caminhada, contribuindo para minha formação profissional.

As instituições de ensino que sempre possibilitaram a oportunidade de realizar os meus estágios.

Aos meus colegas que compartilharam momentos inesquecíveis.

Gostaria de agradecer aos meus colegas de trabalho que contribuíram para o alcance do meu objetivo.

SOUZA, Cintia. A educação e a prática do pedagogo como formadores de leitores: um estudo de caso no 3º ano do ensino fundamental. 62flhs. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia). Faculdades Magsul. Ponta Porã, 2015.

RESUMO

Este trabalho de conclusão e graduação em pedagogia visa proporcionar destaque sobre o seguinte tema: A formação de leitores. A educação passou por várias transformações e consigo o papel do pedagogo foi se transformando. Atualmente o pedagogo é responsável pela alfabetização e o letramento das crianças, habilidades e competência que regem a vida do indivíduo. Uma das mais importantes aprendizagens é a leitura e a escrita, a leitura significativa amplia a capacidade de compreender e interpretar e a escrita é o reflexo dessa habilidade. A partir do contexto da importância de conhecer como o pedagogo está trabalhando a leitura em sala para a formação de leitores, a base teórica será fundamentado nos Pcms de língua Portuguesa (1997), Koch (2010), Cagliari (2009), Kramer (2010), Libâneo (2008), e outros autores que serão citados no decorrer da pesquisa e para fundamentar a metodologia Ludke e André (1986). A pesquisa é um estudo de caso em uma sala do 3º ano do ensino fundamental I e será desenvolvida através da observação, entrevista, aplicação de questionário e a análise dos dados. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino no município de Ponta Porã/MS.

Palavras-chaves: Educação, Prática do pedagogo e a Formação de leitores.

SOUZA, Cintia. La educación e la práctica del pedagogo como formadores de los lectores: un estudio del caso en 3º año de la educación fundamental. 62Hojas. Trabajo de Finalización del curso de (Graduado de Educación en Pedagogía). Facultad Magsul. Ponta Porã, 2015.

RESUMEN

Este trabajo de conclusión y graduación en Pedagogía se refiere en destacar sobre el siguiente tema a la formación de lectores. La educación pasó por varias transformaciones y consiguió el papel del pedagogo que es responsable por la alfabetización y la enseñanza de los niños, la habilidad y competencia que guían la vida del individuo. Uno de los más importantes es aprender a leer y escribir, la lectura aumenta la capacidad de comprender e interpretar y la escrita es el reflejo de la habilidad. A partir del contexto de la importancia de conocer como el pedagogo está trabajando la lectura en la clase para la formación de los lectores, la base teórica será fundamentada en Pcms de lengua Portuguesa (1997), Koch (2010), Cagliari (2009), Kramer (2010), Libâneo (2008), y otros autores que serán citados al descender de la pesquisa y para fundamentación de la metodología Ludke e André (1986). La pesquisa es un estudio de caso en una clase del 3º año de educación fundamental I y será desenvolvid através de las observaciones, entrevista, aplicación de cuestionario y análisis de los datos. La pesquisa fue realizada en una escuela de la red estadual de educación en el municipio de Ponta Porã/MS.

Palabras claves: Educación, Práctica de los Pedagogos y la Formación de Lectores.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A EDUCAÇÃO E A PEDAGOGIA NA ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA FORMAÇÃO DE LEITORES.....	12
2.1. EDUCAÇÃO OU EDUCAÇÃOES	12
2.1.1. A Educação e suas Raízes.....	14
2.1.2. A educação brasileira e as leis para o ensino.....	15
2.2. PEDAGOGIA E AS SUAS INFLUÊNCIAS NO ESPAÇO SOCIAL.....	17
2.2.1. A Prática do Pedagogo na Formação de Leitores.....	20
3 A FORMAÇÃO DE LEITORES: LEITURA E ESCRITA.....	24
3.1. FORMAÇÕES DE LEITORES.....	24
3.1.1. A Leitura.....	27
3.1.2 Tipos de leituras.....	28
3.1.3 Leituras em sala de aula.....	29
3.2. ESCRITA.....	30
3.2.1. Concepções da Escrita.....	31
3.2.2. A produção de Texto.....	33
4 O QUE A PESQUISA REVELOU.....	36
4.1. PESQUISA.....	36
4.1.1. Metodologia da Pesquisa.....	37
4.1.2. O contexto da instituição Pesquisa.....	38
4.1.3. A infraestrutura Física da escola.....	40
4.1.4. Tendência Pedagógica da instituição.....	41
4.2. CONFRONTO COM A PESQUISA.....	41
4.2.1. Observação.....	41
4.2.2. Análise de questionário.....	43
4.2.3. Análise da entrevista.....	45
4.2.4. Análise do Projeto.....	47

5CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICES.....	54
APÊNDICE A: Entrevistas dos professores.....	55
APÊNDICE B: Questionário dos alunos.....	57
ANEXOS.....	58
ANEXOS A: Projeto Caixa de Livros.....	59

1INTRODUÇÃO

A educação é o processo que norteia a sociedade, um fenômeno plurifacetado que ocorre em todos os lugares e a todo momento. Divide-se em três etapas: educação formal que é fornecida por uma instituição de ensino que obedece a normas e regras. Educação informal que são as influências exercidas pelo meio, ou seja, o conhecimento e as experiências que são transmitidas pelas relações sociais e a não-formal onde o ensino ocorre de forma sistematizada, mas não com a formalidade do ensino formal. A definição de educação vai além do sistema de ensino, é a possibilidade de desenvolver habilidades e competências para a formação onilateral do indivíduo, proporcionando o desenvolvimento da capacidade cognitiva e abrindo horizontes para análise crítica do contexto social. Denominamos a educação como prática social.

Neste processo educacional um importante alicerce é o pedagogo com seu histórico de lutas a favor do processo-ensino- aprendizagem. No passado o pedagogo era visto apenas como o acompanhante das crianças até as escolas, com o passar do tempo o pedagogo passou a ser o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa. A pedagogia é o estudo sistemático da educação, ou seja, a prática concreta que se realiza em sala e na sociedade.

A prática do pedagogo configura a essência, dando um caráter emancipatório ao indivíduo. O pedagogo crítico, que busca através da sua metodologia atingir seus objetivos na formação psicossocial, reflete sobre o melhor procedimento para utilizar em sala, de acordo com as particularidades e necessidades dos alunos. O curso de licenciatura em Pedagogia nas Faculdades Magsul tem em sua Matriz de formação a disciplina de Projeto de Pesquisa Interdisciplinar (PPI), que busca responder o seguinte questionamento: Qual o papel do pedagogo (a) na região de fronteira frente à multiculturalidade reinante para promover a melhoria da qualidade de vida através da educação; esta pergunta condutora será a chave para auxiliar na construção da pesquisa. Refletindo sobre como o educador poderá contribuir para melhoria da qualidade de vida dos estudantes, parte-se para as principais preocupações do pedagogo que é fornecer conhecimento para que o indivíduo tenha a autonomia sobre suas escolhas, para isso a leitura é um fator essencial.

A leitura é um elemento fundamental da aprendizagem, segundo Paulo Freire (1997) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” e, nesta vertente, o pedagogo tem uma importante participação na formação de leitores, mais do que um procedimento de ensino-aprendizagem a leitura é umas das estratégias para aprimorar as habilidades comunicativas, pois estabelece contato com a norma culta da linguagem, aprimora a escrita e enriquece o

vocabulário. A leitura não é apenas decifrar os códigos linguísticos, é a ampliação da capacidade de compreender e interpretar o contexto social.

Na maioria das vezes o aluno vai ter contato com a leitura na escola e analisando a importância dessa prática através do estágio, observei algumas lacunas em aberto. A partir daí nasceu o seguinte questionamento: Como a prática do pedagogo contribui para a formação de leitores?

Conhecer como o pedagogo está trabalhando a leitura em sala para a formação de leitores, é o objetivo principal desta pesquisa e para chegar a essa resposta passei por etapas que correspondem à resposta aos objetivos específicos que são: Identificar a (s) prática (s) do pedagogo em sala de aula referente à leitura; Compreender como a prática do pedagogo contribui para a formação de leitores; Estudar os fundamentos constitutivos de uma formação “de leitores”.

A pesquisa será um estudo de caso no terceiro ano do ensino fundamental I, em uma escola estadual situada na periferia do município de Ponta Porã; e será pautada na observação participante de forma sistematizada e planejada. Esse começo será para descobrir qual é o grau de aprendizagem e dificuldades que os alunos apresentam. Todas as observações serão registradas de forma manuscrita, além de serem monitoradas por fotos e gravações. Outro elemento que foi utilizado é a entrevista que traz grandes vantagens, pois permite a captação imediata da informação, ocorrendo uma interação direta com o entrevistado. A entrevista não-estruturada ou não-padrionizada é um método que chama muito a atenção, pois permite a troca de informação de forma espontânea, deixando o entrevistado à vontade para responder. Como a pesquisa está embasada em interligar o conteúdo da escola com a realidade, defini uma maneira passiva de nos aproximar do universo dos indivíduos. A análise documental foi o último passo, porém não menos fundamental para chegar ao término dessa pesquisa e através da análise poderá conhecer o universo da escola, a prática do pedagogo e como está acontecendo à formação de leitores.

Na segunda seção, abordarei o significado da educação, sua legislação e a implementação dos PCNs que norteiam o ensino das disciplinas, o pedagogo e a sua prática na formação de leitores; e na terceira seção, abranger-se-ão os fundamentos da formação de leitores a leitura bem como a escrita, como elemento importante de desenvolvimento linguístico de leitores, a partir do hábito de leitura.

O texto conterà ainda os aportes da pesquisa: resultados e discussões, seguido das considerações finais, referências, apêndices e anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: A Educação e a Pedagogia na atuação do Pedagogo para formação de leitores

Esta seção discorrerá sobre a diversidade e amplitude da educação, a educação formal voltada ao saber científico, ou seja, a educação fornecida pela escola. A educação não-formal que ocorre através da interação com a troca de conhecimento e a educação informal que é a mescla das duas. Contexto de lutas, derrotas e conquistas ao longo da história, o nascimento da pedagogia e do pedagogo e as suas influências no contexto educacional, além de, como a prática do pedagogo influi na formação de leitores.

2.1 EDUCAÇÃO OU EDUCAÇÕES

Desde os primórdios do tempo a educação faz parte dos seres humanos, apesar disso pensa-se apenas na educação, tendo-se como um referencial a escola. Essa ideia se veicula por muitos anos, de forma errônea, a respeito do verdadeiro sentido da palavra educação; pois, segundo Brandão (2006, p.10), “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Educação é o conhecimento que pode ser transmitido, sem quaisquer restrições, pois o que determina uma educação de qualidade é a necessidade do indivíduo.

Sacconi (2001, p.335), em seu dicionário, traz alguns significados sobre educação:

Educação s. f.(a) 1 . Ação ou efeito de (se) educar: a educação de um indivíduo não se dá só na escola, mas deve começar em casa. 2. Conjunto de princípios elevados e de regras metódicas para ilustrar a razão, aperfeiçoar os sentimentos e suavizar os usos e costumes: a educação é o único meio de se quebrar o terrível ciclo da miséria. 3. Tipo especializado de ensino ou de formação: educação física; educação musical. 4. Desenvolvimento metódico: é através da autodisciplina que se torna possível a educação da vontade. 5. Polidez; compostura; modos: vê se tens educação, menino! (SACCONI, 2001, p.335).

Sacconi deixa claro que a educação faz parte dos princípios de cada pessoa e é transmitida de geração em geração. Brandão (2006, p.32) retoma a discussão sobre a educação afirmando que, “Até aqui o espaço educacional não é escolar. Ele é o lugar da vida e do trabalho: a casa, o templo, a oficina, o barco, o mato, o quintal. Espaço que apenas reúne pessoas e tipos de atividades e onde viver o fazer faz o saber”. Para Gohn (2010, p.17) “Na educação não formal, há a figura do educador social, mas o grande educador é o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos”. O convívio social é umas das importantes formas de se transmitir e adquirir conhecimento.

A educação familiar é a primeira educação, em que se destaca a troca de valores e condutas morais, Gohn (2010, p. 17) afirma que “Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc”. Outra forma de educação é o convívio social, através da socialização, a qual fornece informação e conhecimento para o indivíduo saber viver em comunidade. Brandão (2006, p.24), “Destaca que [...] a educação é uma fração de experiência endoculturativa. Ela aparece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar-e-aprender”. A educação existe em todo lugar, não somente de forma sistematizada, o homem tem a capacidade de repassar o conhecimento apreendido através das trocas de experiência dando-se o processo de aprender-ensinar-aprender em situações sociais. Para Trilla (2008, p.17)

“A escola é uma instituição histórica. Não existe desde sempre nem nada garante sua perenidade. Foi e é funcional a certas sociedades, mas o que é realmente essencial a qualquer sociedade é a educação. A escola constitui apenas uma de suas formas, e nunca de maneira exclusiva (TRILLA, 2008, p.17).

Quando um grupo social atinge um complexo grau de organização começa a refletir sobre as formas e processos de transmissão do saber. Nasce o ensino formal que se submete à pedagogia, utilizando métodos e estabelecendo regras e tempo para cada aprendizagem e constitui executores especializados, estamos falando da instituição de ensino (escola). Gohn (2010, p. 17) define a educação escolar como, “Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais”. Analisando a educação em sua amplitude, Libâneo (2000, p.23) define as modalidades da prática educativa:

[...] *A educação informal* corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com o seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. *A educação não-formal* seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. *A educação formal* compreenderia instância de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada e sistemática (LIBÂNEO, 2000, p.23).

As modalidades da prática educativa apesar de se dividirem em âmbitos diferentes, não acontecem de forma isolada, uma incorpora a outra. A educação se faz presente e adquire

novos significados, a educação se torna educações, mas com objetivos em comum ao desenvolvimento do indivíduo.

2.1.1 A Educação e suas Raízes

O sistema de ensino ao qual nós somos apresentados foi herdado da Grécia antiga que tinha como objetivo criar o homem educado. Dividido em duas formas: a educação para o trabalho (normas de trabalho), chamado como *tecne* e oferecido a pessoas mais desfavorecidas economicamente para desenvolver trabalhos manuais e rústicos.

Do outro lado, a educação para a vida (normas de vida), chamada de teoria que ensina, vem da cultura grega para saber agir em sociedade (comandar). Esse sistema de ensino denominado *paideia* [...] “tem como sentido a formação harmônica do homem para a vida da polis, através do desenvolvimento de todo o corpo e toda a consciência, começa de fato fora de casa, depois dos sete anos” (BRANDÃO, 2006, p.38).

A democratização do ensino ocorreu por volta do ano 600 a.C com o surgimento da escola primária em Atenas, ali se lecionam as primeiras letras e contas. Com isso ocorreu à separação dos educadores entre o mestre-escola e os artesão-professores dos pedagogos e educadores nobres. Os denominados pedagogos eram aqueles que conduziam as crianças ao caminho da escola. Com o passar dos tempos a educação grega foi se transformando e oscilou entre duas formas antagônicas: de formação superior à filosófica e à oratória.

O ensino superior torna-se acessível para quem pode pagar; outro avanço educacional foi o nascimento da escola pública. Segundo Brandão (2006, p.46), “Com o tempo a educação clássica deixa de ser um assunto *privado*, posse e questão da comunidade dos nobres dirigentes, e passa a ser questão de Estado, pública”. A educação para os gregos adquiriu seu próprio significado. Ela é muito maior do que um ensino sistematizado, ultrapassa uma sala de aula, nasce do convívio social e de suas experiências.

A educação romana traz outra característica, a educação doméstica, voltada à formação da consciência moral, tendo como educadores a família; mas, aos poucos essa educação foi se transformando e diferenciando entre o ensino de educar e o ensino de instruir. Segundo Brandão (2006, p. 52):

Nos tempos do domínio de Augusto e de Tibério, a criança, educada em casa pelos pais, aprendia depois dos 7 anos as primeiras letras na escola (loja de ensino) do *ludimagister*. Aos 12 anos ela estava pronta para frequentar a escola do *grammaticus* e, a partir dos 16, a do *lector*. Na sua forma mais simples esta é a estrutura de educação que herdamos e conservamos até hoje (BRANDÃO, 2006, p. 52).

Ao refletir sobre a educação encontra-se mais do que a estrutura da educação sendo herdada. De um lado positivo a educação para a formação moral e intelectual, do lado negativo a persistência e o aumento na desigualdade do ensino.

2.1.2 A educação Brasileira e as leis para o ensino

A educação Brasileira se deu pela colonização dos portugueses que através dos jesuítas buscaram disseminar o catolicismo pelo país e dominar os indígenas, através da aculturação; para isso fundaram a escola de ler, escrever e contar. Do período jesuítico até os dias atuais; a educação brasileira percorreu um longo caminho para obter sua valorização e reconhecimento.

O período de ouro para a educação brasileira foi à reforma de Capanema, segundo Aranha (2006, p.307), “Na vigência do Estado Novo (1937-1945), durante à ditadura de Vargas, o ministro Gustavo Capanema empreendeu outras reformas de ensino, regulamentadas por diversos decretos-leis assinados de 1942 a 1946 e denominados leis orgânicas do ensino”.

A lei orgânica do ensino introduziu o ensino supletivo, regulamentou a formação de professores, reestruturou o ensino secundário, o ensino profissional e expandiu o ensino. Em 1948, o ministro Clemente Mariani apresentou o anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases, mas em 1961 a lei nº 4.024 (LDB), foi publicada. Com a ditadura, a LDB passou por algumas reformas. Surge mais tarde a lei nº 5.540/68, que tratava do ensino superior (antigo 3º grau); e a lei nº 5.692, relativa ao 1º e 2º grau. Para Aranha (2006, p. 319), “Os efeitos das reformas de ensino no período da ditadura foram desastrosos para a educação brasileira”. Aranha ressalta ainda a falta de professores especializados, falta de infraestrutura adequada para os cursos e o não cumprimento da lei por parte das escolas particulares como algumas das razões para o fracasso desse ensino. Por volta de 1980, a lei nº 7.044/82 retomou a ênfase na formação geral. Com a Constituição de 1988, a educação passa a ser reconhecida como prioridade, segundo a Constituição Federal (2008, p.136), “Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O governo, a família e a sociedade têm a obrigação de oferecer ferramentas para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo. A constituição apresentou emendas a favor da valorização do educador, a destinação de recursos financeiros, a participação do governo federal, estadual e municipal e a melhoria da infraestrutura física da instituição de ensino, entre outros benefícios.

Para ressaltar essa importância, em 1996, a Lei de nº 9.394 Diretrizes e Bases da Educação (LDB), traz emendas aprovadas com o objetivo de designar e estabelecer a atuação dos municípios, estados e do governo federal no tocante à gestão da área de educação, buscando promover o direito ao acesso gratuito ao Ensino Fundamental (9 anos de estudo), e apontando para que este direito seja, gradativamente, levado ao Ensino Médio; estabelece, ainda as obrigações das instituições de ensino (escolas, faculdades, universidades, etc); determina a carga horária mínima para cada nível de ensino; apresenta diretrizes curriculares básicas e aponta funções e obrigações dos profissionais da educação.

Entre os anos de 1995 e 1996 com a aprovação da LDB, houve várias discussões sobre o ensino. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.15) relatam:

A discussão da proposta foi estendida em inúmeros encontros regionais, organizados pelas delegacias do MEC nos Estados da federação, que contaram com a participação de professores do ensino fundamental, técnicos de secretarias municipais e estaduais de educação, membros de conselhos estaduais de educação, representantes de sindicatos e entidades ligadas ao magistério. Os resultados apurados nesses encontros também contribuíram para a reelaboração do documento (Parâmetros Curriculares Nacionais 1997, p.15).

Desses encontros, surgiu o norte para o ensino de algumas disciplinas como língua portuguesa, matemática, arte e educação física e, necessariamente integrada à proposta pedagógica, diretrizes que norteiam o currículo e os conteúdos. Os Pcms (1997, p.27) definem o seu princípio:

O exercício da cidadania exige o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para a intervenção e a participação responsável na vida social. O domínio da língua falada e escrita, os princípios da reflexão matemática, as coordenadas espaciais e temporais que organizam a percepção do mundo, os princípios da explicação científica, as condições de fruição da arte e das mensagens estéticas, domínios de saber tradicionalmente presentes nas diferentes concepções do papel da educação no mundo democrático, até outras tantas exigências que se impõem no mundo contemporâneo (PCNS, 1997, p.27).

Está-se vivendo uma nova fase mundial de mudanças econômicas, em que se destaca a competitividade e a busca por ferramentas que agilizem o funcionamento das empresas, está rompendo fronteiras e desenvolvendo um novo *status* social. Com a difusão maciça de informações, a sociedade adquiriu uma nova característica com ênfase na formação, voltada ao trabalho, atribuindo novas habilidades e competência aos indivíduos.

Fornecer uma educação de qualidade consiste em oferecer recursos e procedimentos para que o indivíduo possa adquirir o conhecimento. A sociedade cobra e exige uma educação que forme cidadão concreto. A educação como prática social transforma a pessoa e o meio social, oferece ferramentas para mudar a sociedade.

O reconhecimento da importância do papel da educação é inevitável, mas para ocorrer uma educação formal dos sonhos são necessárias várias conquistas. A luta social e política a favor da educação devem ser constantes. Para Brandão (2006, p.110), devemos “Acreditar que o ato de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola, quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo”. Na busca pela transformação social, a educação, juntamente com a pedagogia, tem um papel fundamental, e nesse processo de ensino-aprendizagem a leitura entra como uma questão fundamental.

2.2 PEDAGOGIA E AS SUAS INFLUÊNCIAS NO ESPAÇO SOCIAL

O significado primitivo da Grécia antiga para pedagogo vem da junção dos termos: *paidós* que significa “criança” e *agodé* que indica “condução”, nesse conceito o pedagogo era apenas o condutor da criança até a escola, sem nenhuma ligação com o ensinamento de conteúdos para os dias atuais; quando o pedagogo adquiriu uma identidade. Para Ghiraldelli (2007, p.12), “Ele é o que lida com os meios intelectuais e técnicos que possibilitam o ensino e a aprendizagem de modo ótimo”. No entanto, deve-se ressaltar que a pedagogia vai além do conteúdo, ela estuda os meios de ensino, os procedimentos de como ensinar-aprender. Segundo o dicionário de Sacconi (2001, p.693):

Pedagogia s.f.(a) 1. Teoria e ciência da educação das crianças e adolescentes. 2. Qualidade de bom pedagogo; senso pedagógico: faltar pedagogia a um professor. 3. Método de ensino: escola de pedagogia revolucionária. 4. Conjuntos das ideias de um educador prático ou de um teórico em educação: a pedagogia de Paulo Freire (SACCONI, 2001, p.693).

A pedagogia brasileira apresenta em seu bojo contribuições de outros países: Da França emergiu a sociologia de Émile Durkheim (1858-1917), da Alemanha, a filosofia e psicologia de Johann Friedrich Herbart (1776-1841) e dos Estados Unidos, a filosofia de John Dewey (1859-1952). Herbart defendia a filosofia realista que dizia “para o conhecimento acontecer era necessário evitar os erros e separar a emoção da razão”. Denominou a pedagogia como a ciência da educação, criou os passos pedagógicos para o ensino das

disciplinas, contudo sua filosofia acabou sendo questionada. Já o filósofo Durkheim, segundo Ghiraldelli Jr. (2007, p.22):

[...] empenhou-se em conceituar e, portanto, distinguir o que vinha sob os termos “pedagogia”, “educação” e “ciências da educação”. A educação foi definida como o fato social pelo qual uma sociedade transmite seu patrimônio cultural e suas experiências de uma geração mais velha para uma mais nova, garantindo sua continuidade histórica. A pedagogia, por sua vez, foi vista não propriamente como teoria da educação, ou ao menos não como teoria da educação em vigor, mas como literatura de contestação da educação em vigor e, portanto, afeita ao pensamento utópico (GHIRALDELLI JR, 2007, p.22).

Ao refletir sobre a definição de educação como uma prática, a pedagogia como a teoria, uma se tornou indispensável para a outra. Com a sua filosofia denominada pragmatismo, Dewey defendia a ideologia de que não há uma verdade absoluta, e conduz a pedagogia para a filosofia de educação. Desses dois pensamentos (pedagogia da educação e a pedagogia da filosofia), nasceu a pedagogia brasileira. Acontecimentos históricos aglutinaram o significado da pedagogia: primeiramente os estudos sobre a infância e o seu papel na aprendizagem; da infância ao mundo do trabalho, a nova realidade social obriga a se pensar em uma pedagogia voltada para o trabalho.

Um dos importantes colaboradores da nova pedagogia foi o biólogo e psicólogo Jean Piaget (1896-1980), que afirmava que o desenvolvimento seria um processo, por meio de fases, de internalização do conhecimento. O século XX caracterizou-se pela formação social, voltada ao trabalho. Já o século XXI defende o estudo da linguagem como possibilidade de aprendizagem, para Ghiraldelli (2006, p.60):

O século XX foi o “século de Marx” o século XXI, ao menos em seu início, começa a se colocar como o século de filósofos como Donald Davidson (1917-2003), Richard Rorty e Daniel C. Dennett- todos os que apostaram na idéia de linguagem como comunicação ou, ao menos, filósofos que advogaram que a linguagem e os processos cerebrais estão conectados de tal modo que não faz sentido falar em “pensamento” e “linguagem” como estruturas apartadas (GHIRALDELLI, 2006, p.60).

Segundo o autor, o século XX foi marcado pelo estudo da infância, da formação para o trabalho e a linguagem esses elementos transformaram a pedagogia. Algumas doutrinas pedagógicas surgiram estabelecendo meios e procedimentos para que a educação se efetive, não é uma fórmula para o ensino; são passos didáticos. A pedagogia deve garantir que haja

um canal aberto de conversação e de trânsito fácil entre esses dois elementos necessários à educação.

Entre alguns pensadores e defensores da pedagogia destaca-se um em especial: Paulo Freire, que define sua pedagogia na vivência (o processo de ensino-aprendizagem ocorre quando o educador vivencia experiências históricas e psíquicas da comunidade), nos temas geradores (em que as palavras são colhidas do meio social), na problematização (depois de selecionado e trabalhado o tema gerador será problematizado, através do diálogo entre o educador-educando e educando-educador, sendo visto o tema gerador como um problema), na conscientização (com a problematização dos temas geradores, o indivíduo reconhece o que acontece com ele como ser social e político) e o último passo é a ação político-partidária (na tentativa de solucionar o problema através da ação política). Com esse procedimento didático a pedagogia visa a uma mudança de comportamento e realidade social.

Para Ghiraldelli (2006, p.92), “A pedagogia pode ser definida, aqui nesse caso, como atividade que constrói condições para que os novos comportamentos possam emergir e, se assim é, ela é um bom coadjuvante da democracia”.

Pois a pedagogia não se resume ao conteúdo, mas à forma como é transmitida. Essa mudança é contínua e necessária para se trabalhar com a nova pedagogia. A importância que o pedagogo exerce na vida de um educando é de grande prestígio, colaborando para a construção do caráter psicossocial, ocupando o papel de orientador e muitas vezes de família. Segundo Ghiraldelli (2007, p.96)

Um conteúdo educativo, quando permeado por uma pedagogia, visa à alteração do comportamento de quem esteve na relação ensino-aprendizagem. Ele não é passado. Ele não transita. Sobre o conteúdo, ficamos efetivamente sabendo o que ele é quando o estudante que se integra em uma situação de ensino-aprendizagem e tem um comportamento que releva as alterações que queríamos ver alcançadas (GHIRALDELLI JR, 2007, p.96).

Para a pedagogia, o educador deve sempre buscar novas técnicas de ensino, visando ao aprendizado através da prática e da teoria, despertando o interesse do aluno, ocorrendo à troca de saberes devido ao constante aprendizado.

O processo ensino-aprendizagem é a troca de conhecimento é aprender sempre, para Freire (1996, p.12), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”.

Essa troca de saberes faz parte da natureza humana, somos sujeitos históricos e inacabados em constante processo de aprendizagem. Com o tempo passaram a estudar

maneiras, caminhos e métodos de ensinar. Ao ensinar é necessário aprender, quando ocorre o aprendizado o objeto em formação é capaz de recriar ou refazer o ensinado, tornando a prática de ensinar-aprender autêntica. Para Manacorda (2004, p.361) “*Apesar de o homem lhe parecer, por natureza e de fato, unilateral, eduque-o com todo o empenho em qualquer partedo mundo para que ela se torne onilateral*”. Alimentando o gosto pelo aprender nasce no indivíduo uma constante curiosidade que acaba tornando-o mais criador de saber, contudo é necessário manter vivo no educando a vontade de adquirir novos conhecimentos e para isso é necessário reconhecermos o tipo de educador que queremos ser: um educador bancário que transfere seu conhecimento ou um educador problematizador que propicia situações de ensino-aprendizagem.

Para ocorrer um ensino de qualidade em que o educador desenvolva a capacidade crítica de seus educandos é necessária uma rigorosidade metódica em analisar o que é realmente um conhecimento pertinente.

O ensino crítico vai transformando o educando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, essa questão exigirá do educador ensinar o educando a pensar certo. Este pensar certo envolve acabar com as repetições e com as memorizações, é interligar a realidade escolar com a realidade do dia-a-dia.

O que fica claro na citação de Ghiraldelli, pois um bom pedagogo utiliza a pedagogia ao seu favor, transformando a vida do educando, nós, pedagogos, construímos cidadãos. O pedagogo frente à educação infantil tem a responsabilidade de cuidar, educar, brincar e ensinar. O ensino infantil deixou de apenas ser brincadeiras e elevou-se para à introdução a educação com princípios básicos da alfabetização.

2.2.1 A Prática do Pedagogo na Formação de Leitores

É indiscutível compreender o alicerce que sustenta o ensino de qualidade, para se entender a prática do pedagogo, Libâneo (2000, p.21) destaca “[...] Pedagogia é o modo como se ensina, o modo de ensinar a matéria, o uso de técnicas de ensino. O pedagógico aí diz respeito ao metodológico, aos procedimentos”. A pedagogia busca unir a teoria e a prática através de sua ação.

Para uma formação de qualidade é necessário ter um conhecimento teórico que possa ser incorporado com a prática, segundo Freire (1996, p.12) “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá

e a prática, ativismo”’. A discussão desses saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista na experiência formadora aborda questões importantes a serem reconhecidas pelos formandos como o ensino que não é a transferência de conhecimento, mas criar as possibilidades para a construção desse conhecimento, desta maneira, o sujeito produz o saber.

Ao ensinar é necessário aprender, quando ocorre o aprendizado, o objeto em formação é capaz de recriar ou refazer o ensinado, tornando a prática de ensinar-aprender autêntica.

O que define a personalidade do professor é a sua atitude profissional, tendo clareza nos objetivos educativos, Libâneo (2008, p.115) afirma que:

A seriedade profissional do professor se manifesta quando compreende o seu papel de instrumentalizar os alunos para a conquista dos conhecimentos e sua aplicação na vida prática; incute-lhes a importância do estudo na superação das suas condições de vida; mostra-lhes a importância do conhecimento das lutas dos trabalhadores; orienta-os positivamente para as tarefas da vida adulta (LIBÂNEO, 2008, p.115).

O autor afirma que a atuação do professor vai refletir pela vida do aluno e para alcançar esse propósito deve estar pautada no planejamento das aulas, segurança na transmissão dos conteúdos e busca de métodos eficientes. O mesmo autor afirma que para ministrar aula o professor deve ter constância e firmeza na direção da classe.

[...] ordem nos cadernos, livros, tarefas de casa e exercícios; manutenção de um clima de trabalho na classe, para assegurar a atenção e concentração nas tarefas; atitudes de respeito para com o professor, com os colegas e com o pessoal da escola; hábitos de educação e higiene pessoal; limpeza e arrumação nas carteiras e na classe; tarefas bem-feitas e corretas etc (IBIDEM, 2008, p. 116).

Disciplina é a palavra chave para este autor claro, porém todas as atividades devem ser regadas de prudência e bom senso. Outra questão importante é a relação objetivo- conteúdo- método, o conteúdo sendo analisado como matéria de ensino preparada pedagógica e didaticamente estando subordinado aos métodos e objetivos gerais e específicos. Libâneo (2008, p.154) explica essa relação:

A relação objetivo-conteúdo-método tem como característica a mútua interdependência. [...] Com efeito, a matéria de ensino é o elemento de referência para a elaboração dos objetivos específicos que, uma vez definidos, orientam a articulação dos conteúdos e métodos, tendo em vista a atividade de estudo dos alunos (IBIDEM, 2008, p. 154).

Para o autor, o conteúdo é a base informativa concreta para o objetivo e os objetivos irão orientar a escolha do método para a articulação com os conteúdos. Libâneo (2013, p.74) menciona dois aspectos importantes na formação profissional.

Saberes são conhecimentos teóricos e práticos requeridos para o exercício profissional, *competência* são as qualidades, capacidades, habilidades e atitudes relacionadas a esses conhecimentos teóricos e práticos e que permitem a um profissional exercer adequadamente sua profissão (LIBÂNEO, 2013, p.74).

O professor, segundo o autor, deve ter conhecimento teórico para nortear sua prática, outro referencial que auxilia no ensino das disciplinas são os Parâmetros Curriculares Nacionais que oferecem orientações pedagógicas. “Os PCNS são, pois, uma referência, um ponto de partida, para que se possa articular objetivos e conteúdo com a cultura das escolas e das salas de aulas, envolvendo tudo em um documento [...]”, (LIBÂNEO, 2013, p.163).

A atuação do pedagogo de acordo com Libâneo (2000, p. 27), deve ser capacitá-lo a estar “[...] a par de sua característica de cuidar dos objetivos e formas metodológicas e organizativas de transmissão de saberes e modos de ação em função da construção humana [...]”. Na construção de leitores críticos, essa prática do pedagogo deverá estar pautada na ação-reflexão-ação.

O princípio da atuação do professor consiste em valorizar o conhecimento prévio do aluno, sendo este o eixo didático, utilizado em sala, para se estabelecer, a partir dele a relação conteúdo e ensino. Segundo os Pcms de língua portuguesa (1997, p. 37 e 38) “Caracteriza um movimento metodológico de AÇÃO → REFLEXÃO → AÇÃO, em que se pretende que, progressivamente, a reflexão se incorpore às atividades linguísticas do aluno de tal forma que ele tenha capacidade de monitorá-las com eficácia”. O aprendizado não acontece apenas com a quantidade de informação oferecida, mas pela qualidade com que a informação é trabalhada e é nesse sentido que a ação do professor terá poder decisivo na aquisição da aprendizagem.

Para os alunos, o professor será o modelo que inspira suas ações, os Pcms de Língua Portuguesa (1997, p.38) confirmam a importância de prática coerente em suas ações, “Se é um usuário da escrita de fato, se tem boa e prazerosa relação com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para seus alunos”. O aprendizado deve estar pautado em algo sólido, só se ensina o que realmente se pratica.

A aquisição da leitura envolve três elos: o aluno, a língua e o ensino. Vejamos a explicação, segundo os Pcms de Língua Portuguesa (1997, p.25):

O primeiro elemento dessa tríade, o aluno, é o sujeito da ação de aprender, aquele que age sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento, o objeto de conhecimento, é a Língua Portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola, à língua que se fala em instâncias públicas e a que existe nos textos escritos que circulam socialmente. E o terceiro elemento da tríade, o ensino, é, neste enfoque teórico, concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento(PCNS de LÍNGUA PORTUGUESA, 1997, p.25).

O mediador entre o aluno, a língua e o ensino é o professor que deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas. Desta maneira a intervenção pedagógica tem valor decisivo no processo de aprendizagem. Atividade com a língua oral exige atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre língua. O trabalho com a linguagem desperta e estimula todos os aspectos cognitivos, sendo, pois, a escrita e a leitura práticas complementares e relacionadas no processo de letramento.

Os Pcms de Língua Portuguesa (1997, p.40) definem o ensino da leitura como aquele que “[...] tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras”. Leitura pautada na contextualização ultrapassa a decodificação e envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência.

3 A Formação de Leitores: LEITURA e ESCRITA

A terceira seção argumentará sobre a formação de leitores e a capacidade do indivíduo interpretar e compreender as diferentes informações fornecidas pela leitura. A importância do trabalho didático e a diversidade de materiais. A leitura e a escrita e sua complexidade, como a ortografia e a gramática.

3.1 FORMAÇÃO DE LEITORES

Formar leitor competente é formar alguém que compreende o que lê, o trabalho deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Os Pns de língua Portuguesa (1997, p.42) ressalta a importância do trabalho do professor:

Essa atividade só poderá ser realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, agrupar seus alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles, procurar garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e, conseqüentemente, da própria aprendizagem, sobretudo em classes numerosas nas quais não é possível atender a todos os alunos da mesma forma e ao mesmo tempo. A heterogeneidade do grupo, se pedagogicamente bem explorada, desempenha a função adicional de permitir que o professor não seja o único informante da turma(PCNS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1997, p.42).

A heterogeneidade em sala é algo perceptível que cabe ao professor ser o mediador, relacionar e utilizar as informações de forma a acrescentar ao ensino. A leitura abrange um contexto amplo, mas com um objetivo específico; a qual Carvalho (2010, p.9) apresenta destacando que “[...] o objetivo essencial da leitura é a compreensão”, construindo o significado e não captando o significado. Desta maneira o leitor é ativo, deixando de ser apenas um receptor. Para Carvalho (2010, p.10), a leitura é mais eficiente quando:

[...] os leitores conhecem as convenções, as características, o tipo de estrutura própria do texto cuja leitura vão iniciar. Livros didáticos, reportagens, fotonovelas, fábulas, crônicas, poesias e contos são escritos diferentemente. Suas estruturas diversas obedecem a convenções nem sempre muito claras para leitores iniciantes. Quanto mais fácil é abordar o texto com segurança (CARVALHO 2010, p.10).

Segunda a autora, para a leitura se tornar efetiva é necessário que o aluno tenha uma iniciação, ou seja, o professor deve complementar a leitura com elementos importantes da sua estrutura. Os Pns de língua Portuguesa (1997, p.43) ressalta essa importância:

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. É necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos: às vezes é porque o autor “jogou com as palavras” para provocar interpretações múltiplas; às vezes é porque o texto é difícil ou confuso; às vezes é porque o leitor tem pouco conhecimento sobre o assunto tratado e, a despeito do seu esforço, compreende mal (PCNS de LÍNGUA PORTUGUESA 1997, p.43).

Os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (1997) reconhece a importância da interpretação e, principalmente, admite a existência da diversidade de interpretação. O texto vem carregado de informação, somado ao conhecimento prévio do aluno, que pode tanto ser uma bagagem favorável como não favorável. Um dos grandes desafios para a formação de leitores é tornar a leitura interessante e desafiadora. Carvalho (2010, p.12) afirma que “se não soubermos tornar a leitura significativa e atraente desde as etapas iniciais da alfabetização, o fracasso escolar nos anos letivos iniciais persistirá [...]”.

A atividade de leitura que, em suas origens, era individual e reflexiva transformou-se hoje em consumo rápido de consumo de texto, em leitura dinâmica; essa mudança criou uma nova identidade para o professor: a de intermediário. Lajolo (2001, p.105) crítica esse novo papel; pois segundo ela:

Esse papel de intermediário pode afastar da prática docente o artesanato que a leitura exige. O que se reserva aos professores de hoje, a partir inclusive de sua formação profissional, é a divulgação de livros, a decifração de significados, a intermediação e o patrocínio do consumo de texto impressos. E só muito incidentalmente, e como por acréscimo, a iniciação de jovens na leitura, talvez porque, em nossa tradição cultural, a leitura, como prática coletiva, só existia muito esgarçadamente (LAJOLO, 2001, p.105).

Segundo a autora, o papel do professor leitor reduzido a ser um intermediário começa a partir de sua formação com a cobrança de alfabetizar as crianças com métodos de decifração, inserindo números variados de textos, porém a leitura se torna apenas um hábito obrigatório e sem sentido. Lajolo (2001, p.106 e 107) denomina o leitor maduro como o “[...] conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. O leitor tem a habilidade de reconhecer as informações, selecioná-las e concordar ou discordar, de acordo com a sua própria interpretação.

A formação de leitor exige familiaridade com grande número de textos, a prática da leitura na escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível, ou seja, quando iniciado o aprendizado, valorizar o prazer e a aversão de cada leitor em relação a cada livro.

No aspecto psicológico, a criança passa por várias fases para adquirir e assimilar o conhecimento. O psicólogo Jean Piaget através da sua pesquisa classificou o processo de aquisição de conhecimento, através da adaptação progressiva: equilíbrio e assimilação-acomodação. Segundo Chiaratti (2014, p.89)

Assim como no processo de adaptação orgânica do meio ao sujeito e do sujeito ao meio visando à sua sobrevivência, o amadurecimento cognitivo se dá mediante a seguinte ordem: equilíbrio (situação de estabilidade cognitiva inicial)-Perturbação (estímulo ambiental imprevisível que oferece resistência)-desequilíbrio (instabilidade cognitiva decorrente da resistência do objeto de conhecimento aos esquemas de conhecimento preliminarmente estruturados)- regulações e compensações (modificação estrutural cognitiva decorrente da organização interna das propriedades do objeto de conhecimento)- reequilíbrio (reestabelecimento da estabilidade cognitiva, porém modificada pela realização do novo conhecimento). (CHIARATTI 2014, p.89).

Segundo a autora, para adquirir um conhecimento novo deve ocorrer com o indivíduo uma resistência às estruturas mentais prévias, tirando-o de sua zona de conforto e criando um desequilíbrio de sua estrutura cognitiva; desta maneira, passamos para o estágio da assimilação que consiste em aplicar formas de ação já existentes ao novo objeto para reconhecê-lo, introduzindo modos de pensar e agir característicos, passando para a fase da acomodação.

Na alfabetização, a criança se apresenta no estágio operatório concreto que estabelece em média crianças de 7 aos 11 anos; nessa fase, “a criança adquire potencial para compreender relações abstratas entre os elementos, agindo e anulando ações mentalmente (reversibilidade), mas só consegue fazê-lo com apoio concreto” (PIAGET; INHELDER, 1994, p.80- 109) apud (CHIARATTI, 2014, p.103). O pensamento da criança passa a ser mais objetivo, a realidade passa a ser indeferida, ou seja, as crianças tendem a confiar mais nas deduções lógicas do que na realidade imediatamente percebida e começa a realizar deduções através da indução e generalização, induzir significa partir do particular para o geral. E o produto dessa indução é a generalização, ou seja, trata-se da conclusão podendo ser aplicável em outras situações. Agora a criança consegue anular a ação interiorizada mentalmente ocorrendo à reversibilidade.

Para se desenvolver a aprendizagem da leitura analisando o aspecto psicológico Lajolo (2001, p.50), afirma que “ [...] é necessário que os elementos do texto selecionado como gerador de atividades levem ao aluno a observar mais de perto procedimentos realmente relevantes para o significado geral do texto”. A palavra chave para o ensino da leitura é a estratégia.

Para incluir estratégia no ensino é necessário primeiramente planejar, para trabalhar os aspectos afetivo e os cognitivos utilizando meios emocionais como estímulo no processo ensino aprendizagem. Dembo (2000) apud Boruchovitch (2001, p.20) “As estratégias de aprendizagem são técnicas ou métodos que os alunos usam para adquirir, armazenar e utilizar a informação”. Essas estratégias de aprendizagem que devem ocorrer desde a infância até a vida adulta. Para Boruchovitch (2001, p.20)

As estratégias de monitoramento da compreensão, por exemplo, implicam que o indivíduo esteja constantemente com a consciência realista do quanto ele está sendo capaz de captar e absorver do conteúdo que está sendo ensinado (e. g., tomar alguma providência quando se percebe que não entendeu autoquestionamento para investigar se houve compreensão, estabelecer metas e acompanhar o progresso em direção à realização dos mesmos, modificar estratégias utilizadas, se necessário (BORUCHOVITCH, 2001, pag.20).

Segundo a autora as estratégias devem ter consciência de seus resultados, analisando se o indivíduo está aprendendo o conteúdo. As estratégias de aprendizagem forneceram condições para que o próprio aluno reconheça sua limitação e possa superá-la.

3.2A leitura

A leitura é um elemento fundamental da escola, e apesar da leitura e da escrita caminharem juntas, o seu desenvolvimento não acontece ao mesmo tempo e da mesma maneira. A leitura é a base para tornar o indivíduo eficiente e consciente em suas ações. Cagliari (2012, p.131) afirma que “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal.

Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos. A leitura é um processo de descoberta. Segundo Cagliari (2012, p.134), a leitura pode ser dividida em dois aspectos: a “leitura sintagmática é aquele em que o leitor acompanha palavra por palavra, numa certa ordem, adquirindo, em geral, apenas um significado literal da leitura”. A maioria das leituras realizadas em sala é sintagmática, pois exige pouca interpretação do aluno. Para um melhor desempenho na leitura o mesmo autor traz o significado da leitura paradigmática.

adquirindo, em geral, apenas um significado literal da leitura”. A maioria das leituras realizadas em sala é sintagmática, pois exige pouca interpretação do aluno. Para um melhor desempenho na leitura o mesmo autor traz o significado da leitura paradigmática.

[...] leitura paradigmática faz com que o leitor não só descubra o significado literal das palavras e expressões, à medida que vai lendo, como também traga para esse significado os conhecimentos adicionais, oriundos de seu modo pessoal de interpretar o que leu, tendo em vista toda sua história como leitor e falante de uma língua (CAGLIARI, 2012, p.134).

Para o autor a leitura paradigmática tem um significado mais amplo, pois evoca conhecimentos pertinentes do indivíduo e permite a interação entre as informações existentes e as adquiridas. Para se construir uma consciência leitora é essencial a diferentes tipos de leitura.

3.2.1 Tipos de leitura

A leitura pode ser realizada de diferentes maneiras: ouvida, vista ou falada. O primeiro contato das crianças com a leitura se dá através da leitura auditiva. Segundo os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (1997, p.45), “toda proposta de leitura em voz alta precisa fazer sentido dentro da atividade na qual se insere e o aluno deve sempre poder ler o texto silenciosamente, com antecedência — uma ou várias vezes”, por isso são necessárias muitas leituras e diariamente. Da leitura oral para a leitura visual e silenciosa, Cagliari (2012, p. 139) pressupõe que:

[...] A leitura visual tem grandes vantagens sobre os outros dois tipos de leitura. Não só não inibe o leitor por questões linguísticas, como permite ainda uma velocidade de leitura maior, podendo ele parar onde quiser e recuperar passagens já lidas, o que a leitura oral de um texto não costuma permitir (CAGLIARI, 2012, p. 139).

A leitura visual é um encontro do leitor com o seu particular, favorecendo a reflexão sobre o texto. O ponto positivo nesse tipo de leitura, segundo o autor, é a possibilidade de voltar e refazer a leitura dos principais elementos do texto. Outro importante elemento de leitura são as ilustrações (ou imagens), em movimento reservam emoções que o texto escrito expressa de forma menos intensa. A junção do texto escrito com as ilustrações torna um texto atrativo para todas as idades.

3.2.2 Leitura em sala de aula

Entendemos a leitura como uma prática necessária para o aprendizado e para o trabalho em sala fluir de maneira favorável, algumas metodologias podem ser incluídas como a leitura colaborativa, atividades sequenciadas de leitura, atividades permanentes de leitura, a leitura feita pelo professor e os projetos de leitura. Os PCNS de Língua Portuguesa (1997, p.45), referem-se à leitura colaborativa como sendo:

[...] uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas linguísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos. Trata-se, portanto, de uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores (PCN de LÍNGUA PORTUGUESA, 1997, p.45).

A leitura colaborativa, segundo os PCNS de Língua Portuguesa, é uma estratégia excelente de trabalho, pois contribui para que o indivíduo compreenda a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado e a inferência sobre a intencionalidade do autor; são esses alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos.

A leitura é uma atividade contínua e teve ter uma sequência que são situações didáticas adequadas para promover o gosto de ler e privilegiadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores adquirem para selecionar o material a ser lido. Uma forma de realizar atividades favoráveis na sala de aula é a roda de leitura. Carvalho (2010, p. 23) argumenta sobre os pontos positivos da roda de leitura.

Rodas de leitura são encontros, dentro ou fora das salas de aula, em que o leitor-guia seleciona e lê em voz alta um texto- conto, crônica, poema, ou capítulo de romance- para ser comentado. O principal interesse da roda é a troca de impressões, ideias e reflexões entre os participantes. Os participantes da roda devem receber o texto e acompanhar a leitura do guia, deixando os comentários para o fim (CARVALHO, 2010, p. 23).

Para a autora, a roda de leitura é a possibilidade de interação e troca de conhecimentos, a leitura pode ser guiada pelo professor. A prática de leitura feita pelo professor deve ser contínua e necessária, contribuindo para ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras; possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação; permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita, expandir o conhecimento a respeito da própria leitura, aproximar o leitor do texto é condição para a leitura fluente e para a produção de textos, além de possibilitar produções orais e escritas e em outras linguagens. A roda de leitura permite ainda informar como escrever e sugerir sobre o que escrever, ensinar a estudar e possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita.

3.3 A ESCRITA

A escrita faz parte da nossa vida, contudo sua amplitude e importância persistem no nosso cotidiano. Desta maneira, Torrance e Galbraith apud Koch (2010, p.32) definem a escrita como “o modo pelo qual a escrita é concebida como uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimentos e o uso de várias estratégias no curso da produção do texto”. Cagliari (2009, p. 88) apresenta o objetivo da escrita da seguinte maneira: “A escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala”. Assim como todo o aprendizado a escrita tem a sua complexibilidade.

O ato de escrever envolve sanar algumas necessidades da realidade do indivíduo, famílias de classe social baixa não terão a mesma visão sobre a escrita, diferentemente, de famílias que convivem com a leitura e adultos que escrevem com frequência, as quais representam a continuação do papel da escola. Portanto alfabetizar crianças de grupos sociais diferente exige metodologias diversificadas.

Antes de iniciar qualquer processo de ensino-aprendizagem é preciso saber o que os alunos esperam da escrita. Cagliari (2009, p.87) nos assevera que “A maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e em consequência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional”. A motivação é um elemento essencial para escrita, contudo essa motivação não parte da sociedade, a escrita é apenas um

elemento que auxilia na atuação no dia a dia, mas de fonte prazerosa e expressão artística é muito raro.

A escrita tem em sua base a função informativa e motivadora, pois quem escreve espera que o leitor interprete o que a escrita pede. Desta forma, definimos a escrita em dois grupos: A escrita baseada no significado (escrita ideográfica) e os sistemas baseados no significante (escrita fonográfica). Cagliari (2009, p.99) define esses grupos da seguinte maneira:

Os sistemas baseados nos significados são em geral pictóricos iconicamente motivados pelos significados que querem transmitir e dependem fortemente dos conhecimentos culturais em que operam. Por outro lado, esse tipo de escrita não depende de uma língua específica. Sua leitura pode ser feita em várias línguas dependendo da habilidade do leitor e de sua capacidade de ler o que está escrito. [...] O outro tipo de sistema de escrita é o baseado no significante e depende essencialmente dos elementos sonoros de uma língua para poder ser lido e decifrado. Esse tipo depende crucialmente da ordem linear da escrita que vem assinalada de uma maneira padronizada (CAGLIARI, 2009, p.99).

Segundo o autor, a escrita ideográfica se refere aos símbolos e letras sendo submetido ao conhecimento do leitor e a sua capacidade de decodificar e compreender o que está escrito. Já a escrita fonográfica está relacionada com a capacidade de relacionar o som a letras. As escritas ideográficas jogam muito com a habilidade lexical do leitor, e as escritas fonográficas com o poder de interpretação semântica.

A relação letra e som na questão da fala é muito complicado para a escrita pelo fato da escrita não ser o espelho da fala, para Cagliari (2009, p.101) “É uma ilusão pensar que a escrita é um espelho da fala. A única forma de escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética”. O sistema de escrita na língua portuguesa abrange vários tipos de alfabetos, alguns caracteres ideográficos como sinais de pontuação e os números.

As letras podem perder suas relações de sons e símbolos e adquirir um valor silábico, segundo Carvalho (2010, p.33) “A sílaba é uma unidade fonética: corresponde ao som produzido por uma única emissão de voz. Na escrita, representamos a sílaba por meio das letras que por sua vez são símbolos gráficos das vogais e das consoantes”. Outra questão importante na escrita é a utilização da acentuação gráfica, denominados de sinais diacríticos. Para Koch (2010, p.38), “O uso das regras de acentuação gráfica no plano da escrita é um

recurso que funciona como um sinalizador a mais a ser considerado na produção de sentido”. Esses elementos norteiam e introduzem o indivíduo no mundo da escrita.

3.3.1 Concepções da escrita

A escrita têm várias concepções e dependendo do seu objetivo ela pode ser definida como escrita voltada para linguagem. Koch (2010, p.33) denomina:

Nessa concepção de sujeito como (pré) determinado pelo sistema, o texto é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado. Nessa concepção de texto, não há espaço para implicidades, uma vez que o uso do código é determinado pelo princípio da transparência: tudo está dito no dito ou, [...] o que está escrito é o que deve ser entendido em uma visão situada não além nem aquém da linearidade, mas centrada na linearidade (KOCH, 2010, p.33).

Para o autor, esse tipo de escrita voltada à língua não exige muito do leitor, pois essa concepção não exige uma interpretação elaborada, apenas uma decodificação do que está escrito de forma precisa.

Outra diversidade da escrita está pautada no escritor sendo o ator principal deste contexto. Escritores que buscam expressar o pensamento no papel, segundo Koch (2010, p.33), “Trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação, “transpõe” essa representação para o papel e deseja que esta seja “captada” pelo leitor da maneira como foi mentalizada”. O texto é visto como um produto lógico do escritor e a escrita é o meio pelo qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo.

A escrita como fator de interação tem como principal objetivo a relação escritor-leitor, para Beaugrande apud Koch (2010, p.34):

Nessa concepção interacional (dialógica) da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve é vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais (BEAUGRANDE apud KOCH, 2010, p.34).

Koch destaca entre essas três concepções a interacional como umas das mais completas, pois ultrapassa a escrita voltada para linguagem onde sua importância está voltada para a pontuação correta e a escrita com o foco no escritor onde seu destaque está voltado no pensamento do escritor. Já a escrita interacionista envolve a relação emissor e receptor.

Um escritor não é considerado competente pela quantidade de material escrito, mas sim, pela qualidade de seus textos. Os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (1997, p.48) determinam como é o escritor competente:

Um escritor competente é alguém que planeja o discurso e conseqüentemente o texto em função do seu objetivo e do leitor a que se destina, sem desconsiderar as características específicas do gênero. É alguém que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral; que sabe esquematizar suas anotações para estudar um assunto; que sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões (PARÂMETROS CURRICULARES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1997, p.48).

Um escritor competente é aquele que domina a escrita e a leitura, sabe interpretar e compreender o que se lê.

3.3.2 A Produção de Texto

A produção textual é umas das importantes atividades para o desenvolvimento da leitura e escrita. Pagnan (2014, p.81) define a palavra texto da seguinte maneira:

O verbo texere significa construir ou tecer. O substantivo era textos e significava “maneira de tecer”, ou “coisas tecidas”. Esses significados dão pistas do porquê a palavra, com o tempo, passou a ser utilizada de modo mais específico para nomear o conjunto de palavras que formam um todo (PAGNAN, 2014, 81).

Segundo o autor, tecer um texto é dar sentido através das palavras, porém desenvolver um texto requer algumas habilidades que muitas vezes se tornam desafiadoras até para pessoas adultas. Produzir um texto pode ser fonte de inspiração e motivação para a criança. Segundo Cagliari (2009, p. 106), “Para começar a escrever, as crianças não precisam estudar a gramática, pois já dominam a língua portuguesa na sua modalidade oral. A dificuldade está simplesmente no fato de as crianças não conhecerem a forma ortográfica das palavras após seus primeiros contatos com o alfabeto”.

Muitos educadores acreditam que um bom texto é aquele que esteticamente não contém nenhum erro ortográfico e acabam por colocar barreira no desenvolvimento da escrita e da leitura. Como estratégias de estímulo para produção de texto é preciso utilizar-se da valorização do contexto da criança e o aproveitamento desse conhecimento. Para Koch (2010, p.37), “ Esses conhecimentos, resultados de inúmeras atividades em que nos envolvemos ao longo de nossa vida, deixam entrever a intrínseca relação entre linguagem/mundo/práticas sociais”.

Com a prática da escrita a criança terá a habilidade da autocorreção e manifestará cada vez menos erro ortográfico, a esse respeito Koch (2010, p. 37) cita os pontos positivos de uma elaboração textual.

Conhecer como as palavras devem ser grafadas corretamente segundo convenção da escrita é um aspecto importante para a produção textual e a obtenção do objetivo almejado. Sob uma perspectiva interacional, obedecer às normas ortográficas é um recurso que contribui para a construção de uma imagem positiva daquele que escreve, porque, dentre outros motivos, demonstra: i) atitude colaborativa do escritor no sentido de evitar problemas no plano da comunicação; ii) atenção e consideração dispensadas ao leitor (KOCH, 2010, p. 37).

O autor reconhece que com a apropriação das regras ortográficas o escritor evolui na produção textual e consegue reconhecer a sua importância na transmissão de informação para o receptor. O professor deve saber analisar o texto e utilizá-lo como ferramenta para diagnosticar os progressos e dificuldades, servindo de subsídios para a programação de atividades futuras.

A partir da análise pode-se fazer uma reflexão sobre a coerência e a coesão do texto, Segundo Pagnan (2014, p.83), a coerência caracteriza-se:

[...] pela sequência lógica de um texto, pelos elementos semânticos constituintes. É pela coerência que se confere sentido ao texto. E depende de uma série de aspectos, por exemplo: domínio das regras gramaticas e do contexto da comunicação. Estabelece a sequência do texto para a construção do conteúdo, seja na relação imediata entre uma frase e outro, seja nas relações mais distantes entre os parágrafos. A palavra coerência é uma relação harmônica, é uma conexão, pois (PAGNAN, 2014, p.83).

O autor deixa claro a necessidade de uma coerência textual, ou seja, uma estruturação na construção de um texto. O mesmo ressalta a importância da coesão para o texto, “[...] que é a ligação que se estabelece entre as partes de um texto por meio de pronomes, conjunções,

preposição, palavras sinônimas e também por mecanismos sintáticos” (PAGNAN, 2014, p.83). A coerência dá sentido ao texto e a coesão é o que interliga as ideias; esses mecanismos são essenciais para tecer um texto.

Ao se tornar um escritor assíduo, a criança consegue refletir e se apegar a regras ortográficas. Para Cagliari (2009, p. 120)

Essas regras são tiradas dos usos ortográficos que o próprio sistema de escrita tem ou de realidades fonéticas, num esforço da criança para aplicar uma relação entre letras e som, que nem é unívoca nem previsível, mas que também não é aleatório. Esse conjunto de possibilidades de uso se circunscreve aos usos da língua e aos fatos da produção da fala (CAGLIARI 2009, p. 120).

Segundo o autor, a criança vai integrando as regras ortográficas na produção de texto e automaticamente consegue se autocorrigir, superando alguns desafios como a transcrição fonética, uso indevido de letras, supressão, acrescimento, inversão das letras, junturas intervocabulares e segmentações, formas morfológicas, o traçado das letras, o uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas, acentos gráficos, sinais de pontuação e os problemas sintáticos. Com a prática da escrita, os acertos ocorreram de forma espontânea. “Tudo pertence a um processo de aprendizagem da escrita e revela a reflexão que o aluno põe na sua tarefa e na forma de interpretar o fenômeno que estuda”(CAGLIARE, 2009, p. 127). Se familiarizando com a escrita aos poucos o aluno consegue reconhecer os seus erros e avançar na aprendizagem.

4 O QUE A PESQUISA REVELOU

Esta seção tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa de campo, através da observação e caracterização do aspecto descritivo da instituição, expondo a análise de documentos como o Projeto Político Pedagógico. Serão descritas entrevistas com professores, sendo analisadas as metodologias e a relação professor-aluno. Para finalizar será apresentado o resultado do projeto de leitura. Dessa maneira, poderá ser apresentado o resultado da problemática deste projeto: Conhecer como o pedagogo está trabalhando a leitura em sala para a formação de leitores?

4.1 PESQUISA

Assim como todo campo de atuação profissional necessita de investigação para identificar e buscar soluções de problemas que afetam a sociedade. A educação não é diferente, vários pesquisadores determinam a pesquisa como uma alternativa de amplo valor. Segundo Ferreira (2001, p.531) traz em dicionário o significado de pesquisa “é a investigação e estudo, minucioso e sistemático, com o fim de descobrir fatos relativos a um campo do conhecimento”. Gil (2007, p.17), afirma que a definição de pesquisa é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

A pesquisa como ferramenta de estudo traz em sua metodologia etapas a serem seguidas, Ludke e André (1987, p. 1) determina que “para se realizar a pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Cada etapa da pesquisa deve responder a um objetivo.

Como pesquisador Ludke e André (1987, p. 5) destaca que o “papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre o conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa”, através do estudo é possível reconhecer os problemas e oferecer alternativas de mudanças.

4.1.1 Metodologia da Pesquisa

O estudo será embasado pela pesquisa qualitativa com ênfase no estudo caso, segundo Ludke e André (1987) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de

coleta de dados sendo em sua maioria descritivos, com planos abertos e flexíveis, focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada. Por se tratar do estudo da prática do pedagogo como formadores de leitores em uma sala do terceiro ano do ensino fundamental I, apresentou-se um estudo de caso. Os mesmos autores afirmam que o estudo de caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo.

O objetivo geral desta pesquisa é conhecer como o pedagogo está trabalhando a leitura em sala para a formação de leitores, tendo como pergunta condutora: Como a prática do pedagogo contribui para formação de leitores?

Para obter resposta, o embasamento teórico será o alicerce para compreender os fundamentos constitutivos de uma formação leitora apresentadas nas seções anteriores, assim como a atuação do pedagogo. Para introduzir-se a realidade do pedagogo em relação ao ensino da leitura serão propostas as seguintes etapas: Observação, entrevista e a análise documental para a coleta de dados.

A observação é um importante instrumento válido e fidedigno na coleta de dados, contudo de forma controlada e sistemática, exigindo um planejamento e uma preparação rigorosa do observador. Segundo Ludke e André apud Patton (1987, p.26) revela que “O observador, diz ele, precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para avaliar suas observações”.

A observação será uma ferramenta para verificar a relação entre o professor-conteúdo-aluno observando os procedimentos do professor no processo de aprendizagem. O papel do pesquisador será de participante como observador não revelando totalmente o objetivo do trabalho.

Outra ferramenta para a coleta de dados será a entrevista que oferece vantagem em relação à captação imediata das informações. A pesquisa apresentará entrevista semi estruturada ou semi padronizada para os professores e para os alunos a aplicação de questionário. Ludke e André (1987, p. 34), defini:

Quando entrevistador tem que seguir muito de perto um roteiro de perguntas feitas a todos os entrevistados de maneira idêntica e na mesma ordem, tem-se uma situação muito próxima da aplicação de um questionário, com a vantagem óbvia de se ter o entrevistador presente para algum eventual esclarecimento (LUDKE e ANDRÉ, 1987, p. 34).

Ao selecionar a entrevista semiestruturada ou semi padronizada para a pesquisa, culminou no objetivo de coletar as informações pra confrontá-las, analisando como está acontecendo o ensino da leitura. Se há o contato coma leitura fora da escola e como o professor incentiva essa prática. Segundo Gil (2007, p.116), “A elaboração de questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos”. A pesquisa em questão tem como objetivos específicos identificar e compreender as práticas do pedagogo, o questionário favorece a coleta de um número elevado de informações em pouco tempo.

Por se tratar de uma fonte rica na obtenção de dados qualitativos, seja para complementar as informações obtidas à análise documental segundo os autores Ludke e André apud Caulley (1987, p.38), “[...] busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesses”.

A análise documental se dará pelos documentos obtidos com a escola, ou seja, o documento que norteia o funcionamento escolar o Projeto Político Pedagógico da escola que contém informações referentes ao processo de ensino-aprendizagem e o plano de aula do professor.

E para finalizar a pesquisa será desenvolvido um projeto de leitura tendo como objetivo principal estimular a leitura e escrita dos alunos, analisando o envolvimento e a interação. O projeto segue em anexos.

4.1.2 O contexto da instituição pesquisada

A pesquisa foi realizada em uma instituição estadual, que segundo o Projeto Político Pedagógico (2008) da escola foi planejada no ano de 1990 devido ao grande aumento populacional e o déficit de sala de aula. Localizada ao norte do município de Ponta Porã, no ano de 1993 foi inaugurada no bairro de periferia denominado parques dos Ipês. O Projeto Político Pedagógico (2008, p. 8) confirma este acontecimento, “A Resolução/SE nº. 787, de 1º de fevereiro de 1993, resolve em seu artigo 1º. Autorizar o funcionamento do ensino de 1º grau – 1ª a 8ª série”. No mesmo ano foi firmado um acordo entre o estado e o município cedendo à estrutura física ao município em caráter experimental.

Em seu primeiro ano de funcionamento atendeu cerca de 1.303 alunos matriculados, sendo distribuídos de 1ª a 7ª série do ensino regular e o supletivo de 1ª a 3ª série no período noturno.

O Ensino Fundamental, Médio e EJA foram autorizados a funcionar através da Resolução /SE nº. 787 de 01-01-93, publicado no D.O. nº3478 de 03.02.1993, p.02, ratificada através do D.O.nº3579 de 06.07.1993.

Em julho de 1995 a Unidade Escolar foi devolvida à Rede Estadual de Ensino, que passou a administrá-la até a presente data. No ano de 1997 teve a primeira eleição para diretor, sendo eleito de forma democrática pela comunidade escolar. Atualmente a escola está no seu oitavo mandato sendo seis mandatos democráticos e duas indicações.

Segundo Libâneo (2013, p.108), “o diretor coordena, organiza e gerencia todas as atividades da escola, auxiliado pelos demais componentes do corpo de especialistas e de técnicos-administrativos, atendendo às leis, regulamentos e determinações dos órgãos superiores [...]”. A atribuição do cargo de diretor vem carregado de responsabilidade juntamente com o diretor-adjunto, o setor pedagógico, setor técnico- administrativo, ou seja, toda a equipe escolar.

No mesmo ano a escola passou a contar com um Colegiado Escolar e uma APM que participam da Administração Escola. Libâneo (2013, p.110), cita que “a APM reúne os pais de alunos, o pessoal docente e técnico-administrativo e alunos maiores de 18 anos e costuma funcionar mediante uma diretoria executiva e de um conselho deliberativo”.

Segundo Libâneo o Projeto Político Pedagógico é o currículo da escola, é tudo que se apresenta na instituição. Libâneo (2013, 126):

O processo pedagógico-curricular é a concretização do processo de planejamento. Consolida-se num documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola, expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino e os propósitos e expectativas da comunidade escolar (LIBÂNEO 2013, p.126).

O processo curricular estabelece o norte do ensino que a escola quer oferecer, nela estabelece todos os objetivos, sua identidade, suas necessidades, sua cultura, entre outras coisas. Como a comunidade está em constante transformação, o Projeto Político Pedagógico apresenta-se em reformulação para atender as novas necessidades da comunidade escolar.

4.1.3 A infraestrutura física da escola

Segundo o Projeto Político Pedagógico (2008) da instituição, o prédio é próprio de alvenaria, em bom estado de conservação e higiene. A escola possui 16 salas de aulas, sala

para a direção, secretaria, gabinete odontológico, despensa, 02 cantinas, sendo uma comercial, reprografia, sala para material didático, sala para coordenação pedagógica, biblioteca, sala de professores.

Além destas dependências existe 01 quadra coberta, 02 vestiários que hoje foram desativados para a construção da biblioteca com bastantes acervos de materiais didáticos, 01 saguão coberto onde é servida a merenda escolar.

A capacidade de matrícula das salas de aula atende a legislação vigente que é de 12 m² para cada aluno, as carteiras são individuais em quantidade suficiente. Além das carteiras, as salas possuem quadro de giz, mesa e cadeira para o professor, todas em boas condições de uso.

Quanto aos banheiros, a escola possui dois banheiros para os professores e administrativos, 02 banheiros para os alunos sendo 01 masculino e 01 feminino. O banheiro masculino tem 06 compartimentos, com vaso sanitário, 01 pia e 01 mictório, sendo um dos compartimentos de uso exclusivo de alunos com necessidades especiais. Quanto ao número de bebedouros da escola são 04, sendo 03 destinados aos alunos e um bebedouro na sala dos professores.

Quanto ao espaço físico para recreação, a escola conta com pátio amplo todo gramado. A escola conta com sala específica para secretaria com espaço suficiente para abrigar adequadamente o mobiliário, equipamentos e funcionários.

A secretaria conta com 05 mesas, cadeiras, arquivos, armários, microcomputador, a escrituração encontra-se em ordem, quanto aos arquivos são organizados com pastas suspensas individuais, oferecendo segurança aos prontuários dos alunos e documentos pessoais do corpo docente e administrativo. As 16 salas de aulas são amplas e bem arejadas, conta também com uma sala de tecnologia com computadores e biblioteca. A infraestrutura física adequada da escola contribui em vários aspectos no processo de ensino, para Libâneo (2013, p.171) “O mobiliário e o material didático devem ser adequados e suficientes para assegurar aos alunos, aos serviços administrativos e pedagógicos e aos professores todas as condições para desenvolvimento do trabalho e garantir qualidade do ensino”. A instituição quando bem estruturada se torna um ambiente estimulador e facilitador. Estimulador por ser um local agradável e cômodo e facilitador por fornecer material necessário para o desenvolvimento das atividades.

4.1.4 Tendência Pedagógica da instituição

A tendência pedagógica que norteia o ensino da instituição é o denominado crítico social dos conteúdos, fundamentada nas teorias de José Carlos Libâneo, Demerval Saviani e Isabel Alice Lelis, entendendo ser uma tendência que atenderá a realidade do momento porque passamos. Segundo Libâneo (2008, p.70):

A pedagogia Crítico-Social dos conteúdos atribui grande importância à Didática, cujo objeto de estudo é o processo de ensino nas suas relações e ligações com a aprendizagem. As ações de ensinar e aprender forma uma unidade, mas cada uma tem a sua especificidade. A didática tem como objetivo a direção do processo de ensinar, tendo em vista finalidades sócio-políticas e pedagógicas e as condições e meios formativos; tal direção, entretanto, converge para promover a auto atividade dos alunos, a aprendizagem (LIBANÊO, 2008, p.70).

O autor menciona a concepção crítico social dos conteúdos sendo pautado no trabalho democrático envolvendo toda a comunidade escolar nas tomadas das decisões e promovendo a emancipação dos alunos. Em relação as característica dos professores o Projeto Político Pedagógico (2008), cita que existem alguns professores que têm fortes traços de uma pedagogia tradicional, no entanto a interesse por parte dos professores que nela trabalham em estudar, pesquisar a tendência pedagógica Crítico Sociais dos Conteúdos, vista a necessidade de atender a nova realidade que se apresenta.

4.2 CONFRONTO COM A PESQUISA

4.2.1 A observação

As observações foram realizadas durante dois dias da semana no período vespertino, na turma do terceiro ano A, a sala é composta de 21 alunos, sendo 11 meninas e 10 meninos, as idades variam entre 8 á 12 anos. A professora é formada em licenciatura em Pedagogia com a especialidade em alfabetização, atua á 21 anos em sala de aula.

A turma tem como principal característica a indisciplina, a relação professor- aluno ocorre de forma conturbada, como não há limites para os alunos, sobra pouco tempo para o desenvolvimento de atividades. E as poucas atividades desenvolvidas causam desinteresse nos alunos com mais idades, pois apresentam metodologias e recurso didático inapropriado para a idade deles.

A pesquisadora observou apenas atividades impressas ou a utilização do livro didático, leituras apenas de textos contidos no livro e pouca utilização do quadro. As atividades

realizadas pela professora durante as observações foram de interpretação de texto, seguido de ditado de palavras tirada do texto e feita à correção no quadro. Um aspecto importante que se destacou durante as observações foi o desinteresse e o desânimo da professora com relação a sua turma.

Infelizmente as observações confirmaram que nesta turma não ocorre à formação de leitores e sim decodificadores e copiadores de texto com grandes dificuldades de compreensão e interpretação. O trabalho com leitura e a escrita ocorre de forma desastrosa, trazendo consigo várias falhas na aprendizagem dos conteúdos não apenas na leitura e na escrita. Percebe-se essa falha ao observar que a sala não apresenta nenhum elemento motivador em relação á leitura.

A estrutura física da sala é adequada e confortável, todas as carteiras estão em bom estado de conservação, com ar condicionado e uma boa iluminação. Como pouco elemento de alfabetização, apenas contém cartazes de tabuada e com o número dos numerais. A sala é pobre de elementos visuais.

Figura 1. Imagem da sala de aula



Fonte: Arquivo Pessoal.

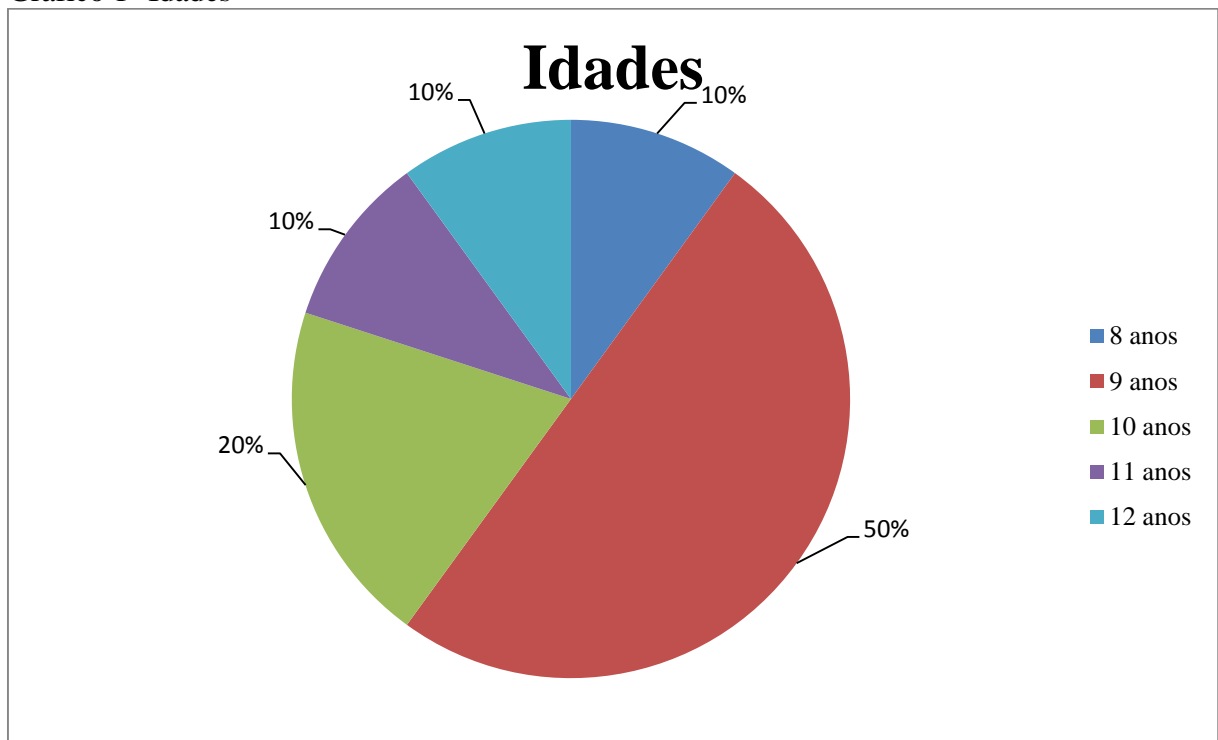
4.2.2 Análise do questionário aplicado aos alunos

Buscando conhecer os alunos e descobrir os elementos que despertam o interesse pela leitura, foi aplicado o questionário que enfatizou nos elementos que chamam a atenção dos

alunos em relação ao livro. Para compreender a realidade o questionário conteve cinco questões.

A primeira questão foi voltada para saber a idade de cada aluno, é uma sala muito eclética variando a idade entre 8 á 12 anos.

Gráfico 1- Idades



Fonte: Questionário aplicado aos alunos

Ao analisar o gráfico percebe-se que 40% dos alunos se encaixam na fase da pré-adolescência e adolescência, desta maneira texto com temas infantis não chamam a atenção dessa porcentagem de alunos.

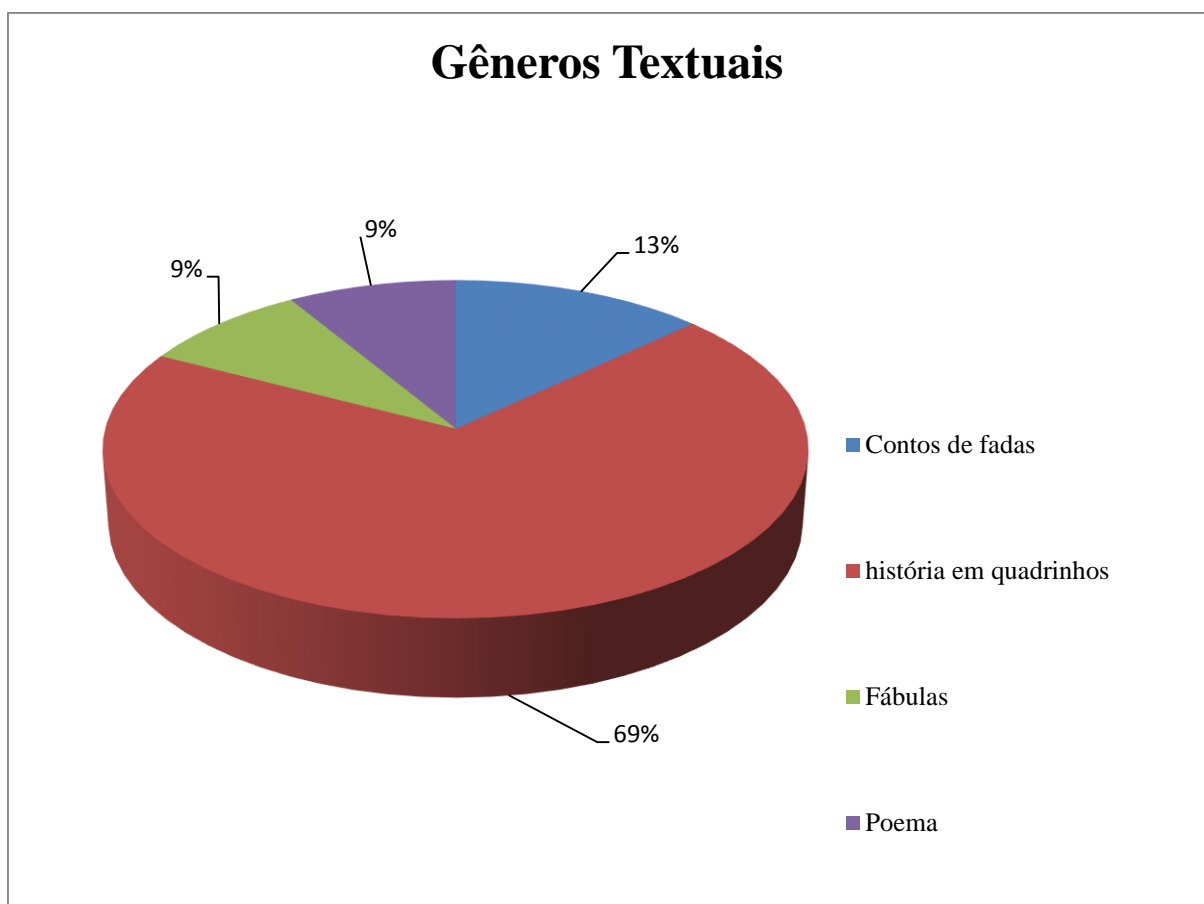
A segunda questão mergulhou na familiarização do aluno com o livro sendo questionado qual seria o elemento que mais desperta á atenção. Citado por 100 % dos alunos, as ilustrações (ou imagens) é o que mais agrada de inicio. Para Belmiro (2000, p.16)

O uso do termo alfabetização visual vem contemplar as práticas de aprendizagem da convenção para a leitura de imagens: enquadramento, distância, ângulo, corte, cor, textura etc. Este é um aspecto da relação teoria-prática que deve ser amplamente discutido nos centros de produção de conhecimento a respeito da imagem na educação, tal a importância das imagens,tanto em instâncias públicas quanto privadas do cotidiano social (BELMIRO, 2000, p.16).

O ditado popular que diz “que uma imagem vale mais que mil palavras”, se encaixam na afirmação da autora, pois a alfabetização visual é uma metodologia que vai além do ambiente escolar.

Questionado sobre qual era o gênero literário que gostariam que fosse trabalhada em sala, a história em quadrinhos teve um destaque, sendo mencionados os contos de fadas em segundo lugar, por envolver o imaginário do aluno e possibilitar várias formas de interpretar a história e conter uma linguagem simples, eles se identificam com esse gênero.

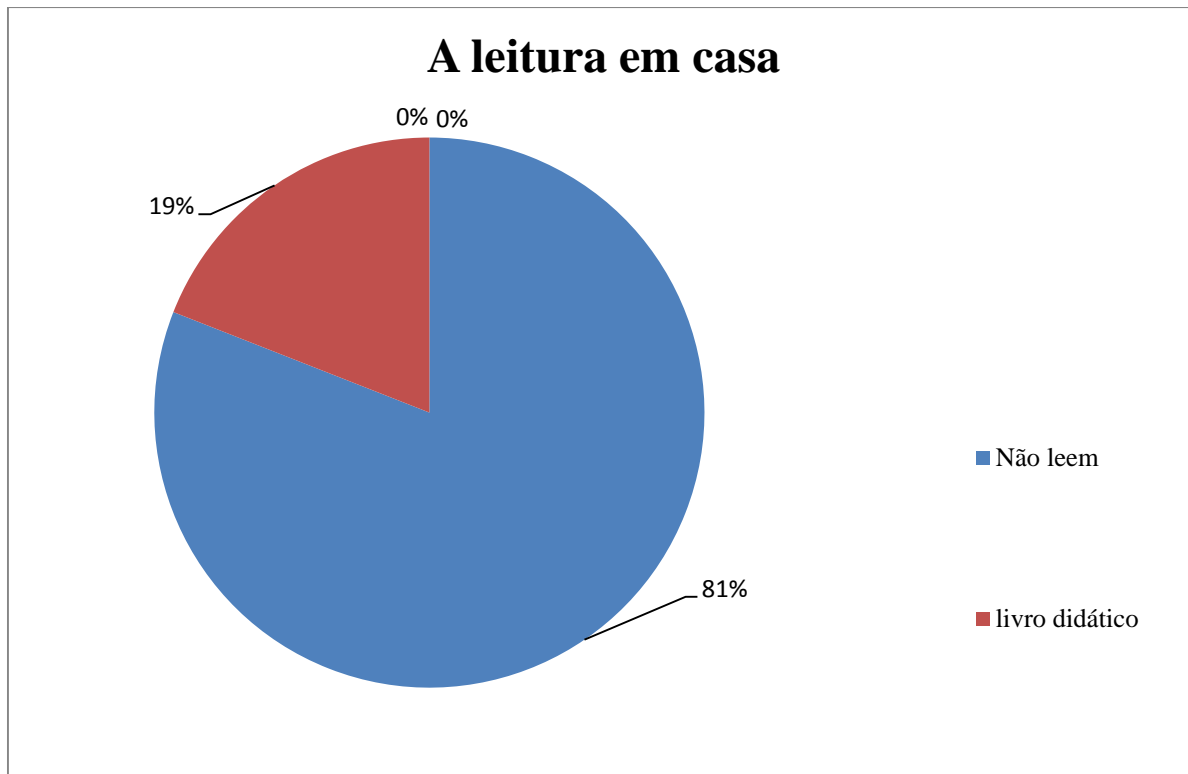
Gráfico 2- Gêneros Textuais



Fonte: Questionário aplicado aos alunos.

E para finalizar o questionário foi argumentado se eles tinham contato com a leitura e a escrita fora da escola, à maioria afirmou que não e os poucos que responderam que sim, afirmaram que leem o livro didático.

Gráfico 3. A leitura em casa.



Fonte: Questionário Aplicado aos alunos.

O contato com a leitura significativa é quase inexistente, o gráfico mostra claramente que pouco mais de 19% leem apenas o livro didático em casa e o restante 81% não realiza nenhum tipo de leitura, segundo eles a falta de livro em casa dificulta a leitura.

4.2.3 Análise da entrevista com o professor

Nesse tópico será analisada a entrevista que foi realizada com as duas professoras regentes do terceiro ano, sendo verificado o procedimento metodológico para a formação de leitores crítico e participativo. Designaremos as professoras pela letra A e B.

A professora A tem 55 anos, é formada em licenciatura em Pedagogia com especialização em alfabetização, atua há 21 anos na educação. Trabalhou por vários anos na educação infantil tendo mudado para o ensino fundamental I, devido seu concurso não habilitava para atuação na educação infantil, porém ela não esconde sua preferência pela educação infantil. Ela está em fim de carreira. Trabalha em dois períodos, no período matutino na rede municipal de ensino e no vespertino na rede estadual de ensino.

A professora B tem 54 anos, formada em licenciatura em Pedagogia, atua há 2 anos. Trabalha com o ensino fundamental desde sua formação, onde ela realiza enquanto profissional. Trabalha apenas no período vespertino.

O primeiro questionamento foi sobre: O que é ser alfabetizador?

A professora A afirmou que, “É levar o aluno a ter contato e compreender o mundo escrito”. Já a professora B respondeu que, “Ser um elo entre o aluno (criança) no processo de construção do sistema alfabético e da linguagem”. Analisando as respostas vemos segundo Kramer (2010, p.99) a definição de alfabetizador e como se encaixam nas afirmações das professoras.

[...] compreende, por outro lado, que a aprendizagem da leitura/escrita envolve uma dimensão simbólica, expressiva e cultural, ser alfabetizador consiste em favorecer esse processo, propiciando, inicialmente, que as crianças realizem atividades sistemáticas, organizadas de tal forma que as diferentes formas de representação e expressão infantis sejam estimuladas gradativamente, até que elas compreendam o que é a leitura e escrita, e façam uso desse objeto cultural para sua comunicação e expressão (KRAMER, 2010, p.99).

Ao denominar o significado de alfabetizador a autora confirma elementos apresentados nas respostas das professoras, como elo de aquisição de conhecimentos, dando ênfase na fala da professora A, “ter contato e compreender o mundo escrito”, Kramer (2010), afirma que é fundamental a convivência sistemática e contínua das crianças com materiais escritos que lhes possam favorecer o entendimento do papel social da leitura e escrita. Percebe que uma resposta complementa a outra, mas separadas tornam-se incompleta.

Partindo do contexto de parceira da escola com os professores foi questionado se elas participaram de formação continuada com o seguinte tema: Leitura e escrita. Elas confirmaram dizendo que “através da formação continuada conhecemos metodologias para construção desta prática em sala de aula”, Libâneo (2010, p.35), “É no exercício do trabalho que, de fato, o professor produz sua profissionalidade. Esta é hoje a ideia chave do conceito de formação continuada”. Já a professora A, além de participar da formação continuada oferecida pela instituição, participa da formação continuada do PACTO fornecida pela rede municipal de educação.

A terceira questão abordou sobre a maior dificuldade do desenvolvimento da prática de leitura e escrita em sala de aula; a professora A respondeu que, “na prática de leitura é um espaço adequado, por exemplo: Uma biblioteca. Já tentamos fazer um espaço na sala de aula, mas até os armários os alunos abriram e levaram os livros”.

Ao analisar a resposta da professora notamos que não é somente a falta de espaço para a leitura, mas a indisciplina é uma dificuldade. Libâneo (2008, p.252), afirma que “A disciplina da classe está ligada ao estilo da prática docente, ou seja, à autoridade profissional, moral e técnica do professor”. A professora B alega que, “a falta de hábito da leitura por parte da família”. A educação escolar e a família sempre foi uma questão discutida.

A quarta questão abordou se há prática de leitura e a escrita fora do âmbito escolar, a professora A argumentou que “manda textos xerocados para a leitura e desenhos em sequência para produção”. A professora B afirmou que “não leem”, devido a isso evita mandar atividades.

E para finalizar foi questionado como elas instituem a prática de leitura e escrita em sala de aula. A professora A mencionou que “a leitura e a escrita são a base da alfabetização é onde se deve oportunizar ao aluno este contato, visto que em casa os pais não oportunizam e nem as tarefas de muitos são realizadas. A professora B justificou que sua metodologia está pautada para a leitura de leitura feita todos os dias pelos alunos e professora.

4.2.4 Análise do projeto desenvolvido

O projeto proposto teve pontos de grandes destaques, à princípio os alunos organizaram-se de forma espontânea para realizar a leitura, a quantidade de gibis era exata com o número de alunos, a organização foi realizada desta maneira, pois tinha o objetivo de analisar a interação e a socialização. Apesar de ser uma turma caracterizada como indisciplinada, entre eles chegaram a um acordo. Sendo efetuadas todas as etapas do projeto.

Figura 2- Imaginação e Criatividade



Fonte: Arquivo Pessoal.

Cagliari (2009, p.120), afirma que “os alunos levam muitíssimo a sério (mesmo brincando) a tarefa de aprender a escrever e põem nisso um grande trabalho de reflexão, quando estimulados a se autodesenvolverem e não a fazerem um trabalho mecânico [...]”. Para o autor o estímulo é a base para formar leitor-escriptor, a contextualização das atividades é o elemento primordial. Em relação à escrita os textos apresentam erros ortográficos devido à transcrição fonética, esses erros são a troca, supressão, acréscimo e a inversão de letras.

Figura 3. Os erros



Fonte: Arquivo Pessoal.

O uso indevido de letras se caracteriza pelo fato do aluno escolher uma letra possível para representar um som de uma palavra, porém a ortografia usa outra letra. Exemplo:
 Aparesa: Apareça

Vose: Você

Outro fato importante nas produções textuais é a utilização da linguagem informal, eles utilizam a fala do cotidiano para transcrever diálogos, mas essas análises são pontos de partida para o desenvolvimento trabalhos significativos de leitura e escrita. Acertos ou erros não é a ênfase desse projeto e sim oferecer confiança para que eles possam escrever.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito educacional tem se discutido muito sobre a importância da leitura e escrita, apesar do governo adotar políticas que priorizem esse tema. A maioria dos estudantes do 3º ano do ensino fundamental só consegue localizar informações "explícitas" em textos curtos. Mas uma em cada cinco crianças (22,21%) tem déficit ainda maior: elas só desenvolveram a capacidade de ler palavras isoladas, segundo dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) de 2014. Infelizmente a pesquisa realizada serviu para confirmar esse fato.

A pesquisa desenvolvida mostrou como o educador sabe justificar a importância da leitura e da escrita teoricamente, mas na prática diária pouco faz, como escusa, utiliza a indisciplina causada pela própria metodologia equivocada, fora do contexto do aluno. Alunos desinteressados e por fim abandonados tornam-se analfabetos funcionais, ou seja, são incapazes de compreender textos e operações matemáticas ou qualquer conteúdo que exige a compreensão e interpretação. Embora sejam tecnicamente alfabetizados, prejudicando o desenvolvimento intelectual, pessoal e profissional do indivíduo.

A diversidade das idades pode ser um fator desfavorável para aquele profissional que não realiza a sondagem e desconhece a sua turma, como pode ser favorável por oportunizar a utilização de material diversificado para se trabalhar o mesmo conteúdo.

A relação família-escola é algo muito complexo, muitos pais veem a escola como uma instituição que irá ensinar seu filho a ler e escrever para que no futuro possa encontrar um trabalho, a visão dos pais em relação à escola é de sobrevivência e não de desenvolvimento intelectual e cultural. Essa visão distorcida em uma comunidade carente justifica a falta de responsabilidades dos pais. Sobrecarregando a função do professor.

A alfabetização se refere ao processo por meio do qual o sujeito domina o código e as habilidades de utilizá-la para ler ou escrever, ou seja, o conjunto de técnicas que o capacita a exercer a arte e a ciência da escrita. O letramento é o exercício efetivo e competente da escrita e implica habilidades para interagir, para ampliar conhecimento, capacidade de interpretar e produzir diferentes tipos de textos. Isso só se alcança se a leitura acontecer de forma agradável e prazerosa e aos poucos introduzir sugestões para a leitura levando a desafiar o aluno elevando seus conhecimentos.

Ao iniciar esta pesquisa foi levantada a seguinte indagação: Como a prática do pedagogo contribui para a formação de leitores? O objetivo principal era conhecer como o pedagogo está trabalhando a leitura em sala para a formação de leitores. Infelizmente o

resultado foi negativo, pois na sala pesquisada se constatou que não ocorre a formação de leitores, apenas decodificadores de palavras.

Ao identificar a prática do pedagogo em sala, através das observações, percebe-se que o desinteresse, desânimo, a falta de metodologia e disciplina, afastam os alunos da aquisição de conhecimento, assim como da leitura e da escrita significativa. Ao compreender o impacto que a atuação do pedagogo tem na vida de cada aluno, chega a ser um crime a atuação desse profissional, pois a escola é a única esperança de muitos para transformar a sua realidade.

Como 40% dos alunos são adolescentes e pré-adolescente são estigmatizados e estereotipados como “burros” pelos colegas e pela professora que faz pouco caso, comprovou-se através de seu planejamento que é voltado a atender os alunos com idades regulares. Sendo pouco interessante para eles. Ao estudar os elementos constitutivos para uma formação leitora e compreender a atuação do pedagogo na fundamentação teórica identificou-se que é possível estimular e propiciar a interação dos alunos com os conteúdos.

Apesar de concluir que na sala pesquisada o pedagogo não forma leitores, houve pontos positivos para minha formação, pois reconheço a importância e reflexo que um bom pedagogo faz para a vida dos alunos. Não existe aluno que não deseja aprender, apenas métodos que distanciam o aluno da escola.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**/Maria Lúcia de Arruda Aranha. -3. ed. - ver e ampl. – São Paulo: Moderna 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006. —(coleção primeiros passos; 20).
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 56/2007 e pelas emendas constitucionais de revisão nº1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.
- BELMIRO, Celia Abicalil. **A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de português**. Educação e sociedade ano XXI, nº72, agosto 2000. Fonte: www.scielo/artigos.com. Acessado dia 10.10.2015.
- BORUCHOVITCH, Evely. **Algumas Estratégias de Compreensão em Leitura de Alunos do Ensino Fundamental**. Psicologia Escolar e Educacional, 2001. Volume 5. Número 1. P 19-25. Fonte: WWW.scielo/artigos.com. Acessado dia 07.06.2013 às12: 00 h.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**/ Luiz Carlos Cagliari. – 11. Ed. – São Paulo: Scipione, 2009.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia e desenvolvimento humano**/Dinah Martins de Souza Campos. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CANDAU, Vera Maria/ **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CARVALHO, Marlene, 1936. **Guia Prático do Alfabetizador**. – 1. Ed.- São Paulo: Ática, 2010.
- CHIARATTI, Fernanda Germani de Oliveira. **Psicologia da educação: desenvolvimento e aprendizado**/ Fernanda Germani de Oliveira Chiaratti, Carlos Eduardo de Souza Gonçalves, Marilucia Ricieri. – Londrina: Editora e distribuidora Educacional S. A. 2014.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Práticas interdisciplinares na escola**/coordenadora-10. ed. –São Paulo: Cortez, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**: coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia. 4. ed. ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Patrícia Alaíde. DIAS, Maria da Graça Bom pastor Borges. Artigo: **A escola e o ensino da leitura**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.7, n.1, p.39-49, jan./jun.2002. Fonte: WWW. Scielo. br /pdf. Acesso dia 31.05.2013 às 8 h.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz eTerra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GHIRALDELLI Júnior, Paulo. **O que é Pedagogia**. 4. ed.—São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**.- São Paulo: Ática, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégia de produção textual**/ Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. 2. Ed.- São Paulo: Contexto 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. -São Paulo: editora Ática, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. ver. e ampl.- São Paulo: Heccus Editora, 2013.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. E. D. A. **PESQUISA EM EDUCAÇÃO: Abordagens qualitativas**: São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade. **Antropologia: uma introdução**/ Marina Andrade Marconi, Zelia Maria Neves Presotto-6. Ed. – São Paulo: Atlas, 2005.

MANACORDA, Marco Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**; tradução de Gaetano Lo Monaco; revisão da tradução Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella- 11. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria/ **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. (orgs.). 7. ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2011.

PAGNAN, Celso Leopoldo. **Comunicação e linguagem**/ Celso Leopoldo Pagnan. – Londrina: Unopar, 2014.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA

PORTUGUESA, portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf. acessado dia 02.09.2015.

SACCONI, Luiz Antonio. **Dicionário essencial de língua portuguesa**. – São Paulo: Atual, 2001.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação Formal e não-formal: pontos e contrapôs**. São Paulo: Summus, 2008.

APÊNDICES

Apêndice A: Entrevista com as professoras.

Ponta Porã, 10 de novembro de 2015.

Série: 3º ano

Turno: Vespertino

Pesquisa monográfica: A EDUCAÇÃO E A PRÁTICA DO PEDAGOGO COMO FORMADORES DE LEITORES: UM ESTUDO DE CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Questionário para professores

1. Formação: Especialista em alfabetização
2. Tempo de Atuação: 21 anos
3. O que é ser alfabetizador?
É levar o aluno a ter contato e compreender o mundo escrito.
4. Participou de formação continuada com o tema leitura e escrita?
Sim e na formação continuada do PACTO tem se enfatizado muito este tema
5. Qual é a maior dificuldade no desenvolvimento da prática da leitura e escrita em sala de aula?
Na prática de leitura é um espaço adequado por ex: uma biblioteca, só tentamos fazer um espaço na sala de aula e até o ambiente os alunos aliam e levaram os livros.
6. Prática a leitura e a escrita fora do âmbito escolar?
Sim, mando textos xerocados para leitura e desenhos em sequência para produção.
8. Como institui a prática de leitura e escrita em sala de aula?
A leitura e a escrita é a base da alfabetização é onde se deve oportunizar ao aluno este contato, visto que em casa os pais não oportunizam e nem os tarefas de muitos são realizadas.

Ponta Porã, 11 de novembro de 2015.

Série: 3º-B.

Turno: Noturno

Pesquisa monográfica: A EDUCAÇÃO E A PRÁTICA DO PEDAGOGO COMO FORMADORES DE LEITORES: UM ESTUDO DE CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Questionário para professores

1. Formação: Licenciatura em Pedagogia
2. Tempo de Atuação: 02 anos
3. O que é ser alfabetizador?
Ser um elo de ligação entre o aluno (criança) no processo de construção do sistema alfabético e da linguagem.
4. Participou de formação continuada com o tema leitura e escrita?
Sim. Através da formação conheci novas metodologias para construção destas práticas em sala de aula e na vida.
5. Qual é a maior dificuldade no desenvolvimento da prática da leitura e escrita em sala de aula?
Falta de hábito da leitura por seus familiares.
6. Prática a leitura e a escrita fora do âmbito escolar?
Não leem.
8. Como institui a prática de leitura e escrita em sala de aula?
Com leitura de leve feita todos os dias pelos alunos e professora.

Apêndice B: Entrevista com os alunos.

Pesquisa monográfica: A EDUCAÇÃO E A PRÁTICA DO PEDAGOGO COMO FORMADORES DE LEITORES: UM ESTUDO DE CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Questionário para alunos.

1. Sexo:

() Feminino

() Masculino

2. Idade:

3. O que mais gosta em um livro?

4. Quais são os gêneros literários que mais você gosta (gibis, contos de fadas, romance)?

5. Realiza leitura em sua casa?

6. Tem o hábito de escrever texto em casa?

ANEXOS

Anexo 1. O Projeto

Projeto Caixa de livros



Apresentação

A arte das histórias em quadrinhos envolve uma linguagem rica e complexa onde se relaciona as ilustrações e o diálogo para transmissão da informação. Por isso este projeto visa o uso das histórias em quadrinhos como estímulo para a leitura e a produção de texto. Com os seus elementos é um excelente material para iniciar a leitura.

As imagens dão ao texto informações necessárias para o significado das palavras e os quadrinhos atuam como uma espécie equilíbrio, onde os textos curtos favorecem o gosto pela leitura levando os leitores a procurarem cada vez mais esse tipo de leitura.



F. II. A leitura e as imagens: Uma relação harmônica
Fonte: Arquivo Pessoal.

Público alvo: 3ª ano do Ensino fundamental Anos Iniciais.

Período: Seis horas.

Tema: História em Quadrinhos.

Objetivo Geral:

Estimular o interesse dos alunos para o uso da leitura e da escrita.

Objetivos específicos:

Levar o aluno a conhecer outro tipo de discurso, a história em quadrinhos, ajudando-os também a distinguir a fala dos personagens da fala do narrador.

Construir uma história em quadrinhos a partir de parâmetros adquiridos nos estudos anteriores.

Estimular a produção de texto.

Contribuir para o desenvolvimento da capacidade criativa do aluno.

Estimular a capacidade cognitiva do aluno.

Conteúdo:

Língua Portuguesa: leitura e interpretação, tipologia textual, produção textual, formação de palavras, sinônimos, escrita correta: uso do dicionário.

Etapas para criação de uma história em Quadrinhos: personagens, balões, cenários, onomatopéias, recordatórios e quadros.

Justificativa

As escolas precisam resgatar a prática da leitura, especialmente no Ensino Fundamental Anos Iniciais, por ser nessa faixa etária que a criança adquire o gosto pela leitura. Precisa-se desenvolver uma prática de leitura prazerosa, sem cobranças de entendimento dos textos através de avaliações cansativas.

Aprende-se a ler lendo, não reproduzindo inúmeras vezes palavras ou frases, e menos ainda através de cópias longas e exaustivas. Por isso a escola deve propiciar às crianças o manuseio de livros em sala de aula para desenvolver os aspectos sensoriais, emocionais e intelectuais da leitura, de uma forma racional e dinâmica. Oportunizando a experiência de o aluno aprender com os seus erros, sendo construído constantemente o conhecimento.

O professor assume o papel de mediador, motivador, orientador e viabilizador do processo ensino-aprendizagem, provocador de situações problemáticas a serem resolvidas e regulador de conflito. Os procedimentos em sala de aula devem estar pautados de forma democrática, respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno, aproveitando os conhecimentos que o aluno tem, servindo-se deles para desencadear novas aprendizagens. O

professor pode ser um investigador, pesquisador, um desafiador, um questionador, um crítico e um estimulador criativo, dinâmico procurando avaliar sua prática pedagógica e de seus resultados.

As histórias em quadrinhos da Turma da Mônica (gibis) são conhecidas pelo público infantil e podem ser utilizadas em sala de aula para trabalhar diferentes temas e conteúdos. Como os personagens também são crianças espera-se que elas se identifiquem com os personagens.

Metodologia

A metodologia apontada para este projeto será desenvolvida através de oficinas, sendo dividida em cinco horas aulas sendo alternado entre a teoria e a prática. Projeto será iniciado com uma conversa informal sobre o tema “papel social da leitura e da escrita”, e qual a sua importância para o dia-a-dia.

Após o debate será aplicado um questionário para analisar a prática da leitura e descobrir qual é o tipo de texto preferido pelos alunos para se realizar a leitura em sala. O tema eleito foi história em quadrinhos, ou seja, os gibis conhecido popularmente, a segunda etapa do projeto seguiu os seguintes procedimentos:

Primeiramente foi disponibilizada uma variedade gibis para a realização de leituras em seguida, foi enfatizada a interpretação da sequência dos quadrinhos e discussão sobre a diferença entre um texto normal e um texto nas histórias em quadrinhos. Destacando os elementos importantes da história e a observação das etapas para criação de uma história em quadrinhos, identificando: Personagens: eles têm vontades, dramas, conflitos, ironias. É por meio de suas falas e ações que as histórias são contadas.

A utilização dos balões: criados especificamente para as histórias em quadrinhos, os balões podem ser de vários tipos, os principais são: de fala, de pensamento, de ira, de berro, de sussurro. Neles são escritos os pensamentos e as falas dos personagens, em geral os de fala possuem um "rabinho" em direção ao personagem falante.

Cenários: há dois tipos de cenários, os internos (dentro de residências ou prédios) e os externos (na rua, na natureza, no meio ambiente). A denominação das onomatopéias: são palavras ou junções de palavras que imitam a voz de animais ou ruídos de objetos. Ex: BUUM!!! (explosão), CRI_CRI!! (grilo), TOC-TOC! (batendo à porta), TIC-TAC! (bater do relógio). São elementos exclusivos da linguagem das histórias em quadrinhos e permitem a livre criação. Recordatórios: é o tipo de balão usado para a narração. Não possuem "rabinho" em direção a personagens. Ex.: "Enquanto isso..." e "No dia seguinte..."

E para finalizaros quadros: eles delimitam o enquadramento das cenas de uma história em quadrinho. Podem ser variáveis em tamanho e formato, de acordo com a necessidade da cena a ser desenhada.

Como forma de avaliar e analisar como as crianças compreenderam as informações será proposto à elaboração de gibis individuais, onde a criança poderá expressar todo o seu conhecimento e um elemento a mais será a escrita de forma livre e prazerosa, pois ela escolherá o tema que deseja discorrer.

Recursos Utilizados:

Gibis, cola, lápis de cor, papel sulfite, giz, quadro.

Avaliação

Será realizada através do interesse e a participação dos alunos no desenvolvimento das atividades.

Referências

PORTAL DA TURMA DA MÔNICA. Disponível em: <http://www.monica.com.br/index.htm>. Acesso em: 28 de Outubro de 2015.

BRASIL, Karla. Projeto história em quadrinhos (HQ) Turma da Mônica! 2009. Disponível em: <http://lereescrevercerto.blogspot.com/2009/01/introduo-as-histrias-em-quadrinho-da.html>. Acesso em: 08 de Maio de 2011.